Colagem é linguagem

SBCMAG

Revista da Sociedade Brasileira de Colagem | #01 | 2024

#entrevistas
André **Hellmeister**
Anna **Klos**

#artigo
Bruno **Barnabé**

#pelomundo
11 artistas brasileiros
no exterior

#ficaadica
Kike **Congrains**

Hannah Hoch

Artista pioneira na arte da colagem (Alemanha 1889-1978).

Conheça um pouco da sua biografia e obras no volume 1 do projeto **Grandes Nomes,** uma coletânea com 350 páginas. Disponível gratuitamente no site SBC. Clique **aqui.**

Untitled (From an Ethnographic Museum), 1930 Hannah Höch, Museum für Kunst und Gewerbe Hamburg © VG BILD-KUNST Bonn, 2016.

Editorial

Chegamos a segunda edição da **SBC Mag – a número #01.** Felizes com a recepção calorosa e agradecendo o apoio, entusiasmo e, sobretudo, o compartilhamento de nossa revista brasileira dedicada à arte da colagem.

O **#agitosbc** traz o **SBCenso,** um questionário para conhecer melhor os colagistas do país, que ajudará em futuras ações de apoio à arte da colagem. Destacamos com orgulho as exposições individuais de **Fernanda Marchioro** e **Mauricio Planel** e o lançamento do livro de **Filomena Chiaradia**. E ainda o Calendário SBC 2025, já à venda.

No **#pelomundo** conhecemos onze colagistas brasileiros que levam sua arte ao exterior, superando desafios de uma vida de imigrante e plantando sementes brasileiras em diferentes países.

A capa da edição é assinada por **André Hellmeister,** nosso primeiro entrevistado, que revela sua trajetória, processos criativos e o acervo de seu pai, **Tide Hellmeister,** referência na colagem brasileira. A segunda entrevista é com **Anna Klos,** artista polonesa que realiza exposições em Varsóvia, reunindo artistas de diversos continentes. Seu espírito sensível e curioso se destaca em uma conversa conduzida por **Samuel Eller** onde Anna nos mostra sua visão artística e a solidez de sua formação.

Também celebramos o centenário do surrealismo. **Bruno Barnabé homenageia Sergio Lima,** um artista crucial para a difusão do surrealismo no país, em um artigo tocante.

Nossa seção #ficaadica traz **Kike Congrains,** artista peruano residente em Barcelona e curador do **@collagewave,** compartilhando dicas valiosas do seu processo.

Atendendo ao pedido dos nossos seguidores do Instagram, abordamos o tema dos **Direitos Autorais** em colaboração com o **Dr. Luiz Eduardo Queiroz,** especialista em **Propriedade Intelectual. Fernanda Marchioro** nos conta uma história intrigante sobre duas fotografias e o lugar inesperado que a levou ao explorar a questão da autoria.

Outra sugestão que recebemos deu origem à nova seção **#artistasetécnicas,** destacando **Jiří Kolář,** com pesquisa e texto de nosso **Mauricio Planel.**

Para quem se preocupa com a preservação das obras, convidamos **Cleide Messi,** especialista em conservação, para nos orientar com boas práticas que ajudem no cuidado das artes em papel sem limitar nossa criatividade.

Mantemos nosso compromisso com o(s) coletivo(s) e a seção **#coletivamente** continua apresentando grupos para você conhecer. **Compartilhe seu coletivo conosco; adoramos novas iniciativas.**

E fechamos com arte: o **#cortaessa** traz imagens para suas colagens selecionadas por **Dhyogo Oliveira** (**@semgeração**).

Esperamos que a leitura da SBC Mag seja inspiradora, e em maio de 2025 temos mais um encontro marcado, não esquece. :)

Equipe SBC

sumário

01

Editorial 03

#agitoSBC 05

#pelomundo 17

#entrevista 42
André Hellmeister por SBC

#ficaadica 52
Kike Congrains

#entrevista 58
Anna Klos por Samuel Eller

#artigo 67
Sergio Lima, a collage e o surrealismo por Bruno Barnabé

#artistasetécnicas 74
Jiří Kolář por Mauricio Planel

#matéria 78
Conservação por Cleide Messi

#entrevista 86
Direitos Autorais com Luiz Eduardo Queiroz por SBC

#artigo 92
Duas fotografias por Fernanda Marchioro

#coletivamente 94

#cortaessa 97

Expediente

SBC Mag #001

Editor: Sociedade Brasileira de Colagem

Projeto gráfico: Marcia Albuquerque e Mauricio Planel

Redação e Revisão: Filomena Chiaradia e Núcleo Gestor SBC

Capa: André Hellmeister

Conselho Editorial: Núcleo Gestor SBC

Contatos SBC:
www.sociedadebrdecolagem.com.br
www.instagram.com/sociedadebrdecolagem

Fale conosco:
sociedadebrdecolagem@gmail.com

SBC Mag é Marca Registrada ©. Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização prévia dos autores e do editor.

SBC Mag é a revista da Sociedade Brasileira de Colagem.

SBC: Rua Teodoro da Silva, 553, apto 905 - Vila Isabel - Cep: 20560-000, Rio de Janeiro - RJ

Os artigos e anúncios desta publicação são expressão pessoal de seus autores, ficando sob sua responsabilidade o conteúdo abordado.

SBCenso

Um panorama sobre a colagem no Brasil

Colagem: Alessandra Portilho

A **SBC** está feliz de poder apresentar para todos, depois de muito tempo acalentando essa ideia e, finalmente, colocá-la em prática: o **SBCenso.**

É um levantamento sobre a colagem no Brasil com objetivo de mapear e entender o universo da colagem em nosso país, desde suas práticas, técnicas e influências até as experiências e motivações dos artistas e entusiastas envolvidos.

O **SBCenso** não tem a pretensão de produzir um documento com a complexidade e alcance dos Censos tradicionais, mas tentar compilar as informações que consideramos importantes para formatar o **início da construção de um panorama sobre a colagem brasileira.**

Sua perspectiva é fundamental para entendermos juntos o cenário atual e promovermos o desenvolvimento e valorização desta forma de expressão artística em nosso país.

As informações fornecidas ajudarão não só na **construção de uma visão mais ampla como também fortalecer a comunidade de artistas, colecionadores e apreciadores de colagem.**

O formulário é composto por **5 seções: Informações Pessoais; Formação; Prática e Experiência; Inspirações; Estilo e Técnicas; Divulgação e Mercado;** e leva cerca de 10 minutos para ser preenchido.

Suas respostas serão essenciais para uma melhor visualização dessa linguagem artística que continua a crescer e se reinventar. Desde já agradecemos sua participação e contribuição para o **SBCenso**. E, se puder, por favor, passe a informação adiante, quanto mais colagistas responderem, melhor será o resultado.

Fique atento em nossas redes e muito obrigado!

Participe - clique aqui.

Exposição
Fernanda Marchioro

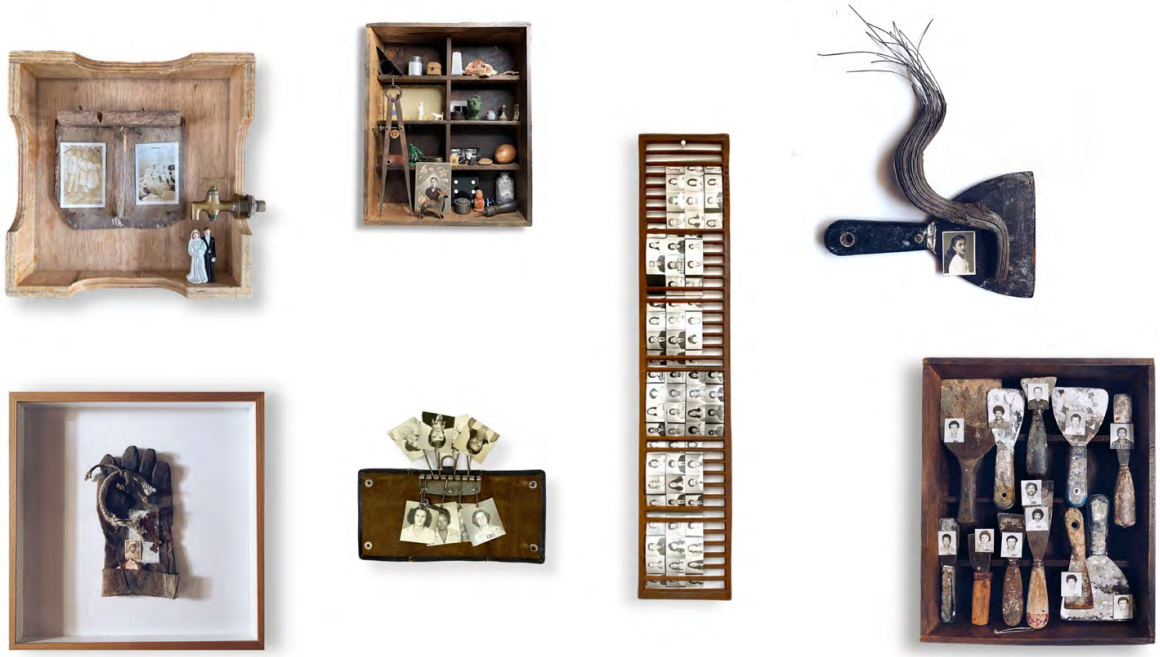
Identidade Resistente

Progresso

A integrante da SBC, Fernanda Marchiolo, realizou sua primeira exposição individual na cidade de São Paulo, na Galeria Recorte.
A vernissage aconteceu dia 31 de agosto e a exposição foi até 1 de novembro. Ficamos muito felizes com essa conquista e a oportunidade de ver de perto as assemblages/colagens da Fernanda, que criam um intenso diálogo entre memória e resistência, temas sensíveis da recente história de nosso país. Confira aí o belo texto sobre a exposição:

A exposição **Identidade Resistente,** que estreou no ano passado em Paraty, chega a São Paulo com um novo capítulo: **Identidade Resistente: Progresso.** Nesta nova fase da exposição, **Fernanda Marchioro,** ou **Objeto Xis**, explora as nuances da identidade brasileira através da lente do progresso e continuidade, mantendo o foco na resistência cultural e social. Com o seu olhar crítico sobre questões de identidade e pertencimento, **Fernanda Marchioro** traz uma abordagem inovadora nesta exposição. A peça central é um resgate da bandeira nacional de 1920, que mantinha 21 estrelas até 1960. A partir dessa data, a bandeira passou a incorporar novas estrelas conforme a adição de estados e, em 1992, atingiu o número atual de 27 estrelas. **Marchioro** atualiza essa imagem histórica ao incorporar 6 fotografias 3x4, representando as 27 estrelas atuais da bandeira, simbolizando a continuidade e a evolução da identidade nacional.

Além da bandeira, a exposição **Identidade Resistente: Progresso** inclui novas obras que expandem o diálogo iniciado em Paraty. Cada peça explora temas de identidade e resistência, não apenas através dos materiais e fotografias utilizadas, mas também pelo próprio processo de resistência ao tempo. As obras revelam a durabilidade dos materiais e a persistência das memórias e identidades, refletindo a capacidade de adaptação e transformação ao longo das décadas.



Identidade Resistente: Progresso na **Galeria Recorte,** localizada na Rua Augusta, 829 - São Paulo - SP, apresentou uma série de obras inéditas que dialogam com o contexto contemporâneo do Brasil.

Fernanda Marchioro é uma artista visual, diretora de arte e fotógrafa que, após uma carreira de 27 anos como produtora de fotografia publicitária em São Paulo, faz sua estreia no mercado de arte com uma abordagem inovadora. Durante sua trajetória na publicidade, **Marchioro** trabalhou com renomados fotógrafos e produziu campanhas para agências e clientes de destaque. Além disso, dirigiu e produziu uma revista digital de fotografia, onde também atuava como fotógrafa, consolidando sua experiência em criação visual. Ao longo desses anos, construiu um valioso acervo de objetos e se dedicou a uma profunda pesquisa sobre fotografias antigas, desenvolvendo uma paixão pela preservação e interpretação visual da história. Nos últimos anos de sua carreira anterior, começou a explorar o mundo das assemblages, iniciando a montagem de suas próprias obras. Com o aprofundamento do seu conhecimento e o reconhecimento crescente do seu trabalho, **Marchioro** decidiu realizar uma transição de carreira, dedicando-se exclusivamente à arte sob o nome de **Objeto Xis.** Esse pseudônimo, criado no início da sua jornada artística para preservar a transição de carreira, continua a ser utilizado para expor suas obras, refletindo a riqueza de sua experiência prévia e sua nova perspectiva artística.

Antônio Pinto - Coletivo
Entre Aspas - CE, visitando a exposição

Exposição
Mauricio Planel

Corpo/Palavra

Entre 29 de agosto e 29 de setembro, o **Centro Cultural da Justiça Federal,** na Cinelândia, Rio de Janeiro, apresentou a exposição **Corpo/Palavra,** do colagista **Mauricio Planel,** integrante da **SBC**. A mostra exibiu 24 colagens inéditas, refletindo sobre a palavra como meio de comunicação e troca de ideias na sociedade contemporânea. Além das colagens, o público pôde explorar **assemblages, sketchbooks** e **vídeo-colagens,** revelando a versatilidade de **Planel,** que atua na colagem há mais de 30 anos. O texto expositivo ficou a cargo do artista visual **Gian Shimada.**

Na abertura, houve um **debate sobre o uso de imagens fotográficas na colagem e os desafios dos direitos autorais,**

Cadernos do artista

abordando também o impacto da inteligência artificial no uso não autorizado de criações artísticas. O evento foi registrado pela equipe do **documentarista Guillermo Planel** e reuniu fotógrafos e artistas visuais renomados, como **Severino Silva, Virna Santólia, Moskow, Marcia Albuquerque, Gustavo Bomfim e Filomena Chiaradia.** O debate está disponível **online**.

Vernáculo I | Ano: 2024 | Colagem Analógica

Sala vídeo colagem

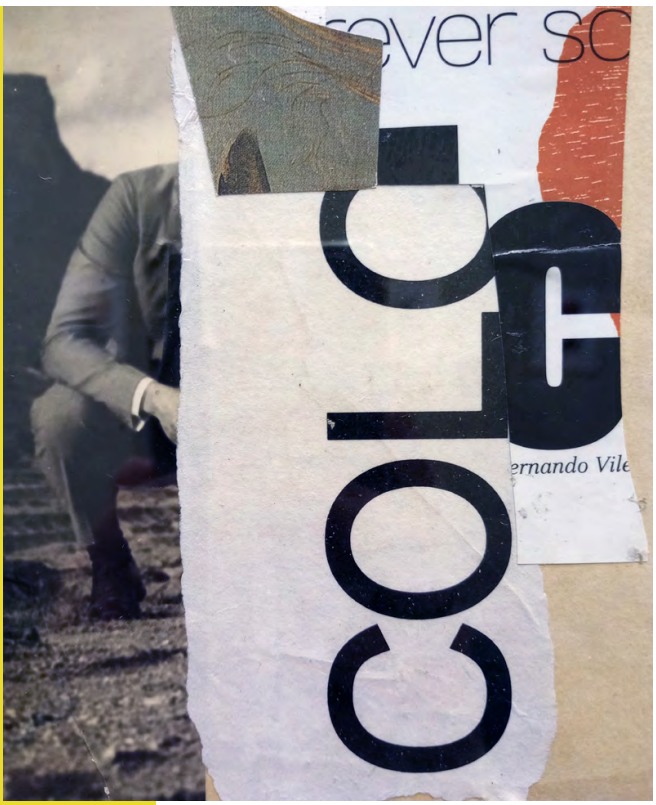
Durante o período da exposição, foram realizadas **duas visitas guiadas,** ambas conduzidas por **Mauricio Planel,** proporcionando ao público uma imersão no processo criativo do artista. A primeira foi exclusiva para os alunos de **Linguagem Visual da graduação em Design da ESPM - Escola Superior de Propaganda e Marketing,** acompanhados pela professora **Mirella Migliari,** que exploraram as obras em detalhes, discutindo técnicas e o contexto da colagem como expressão artística.

Visita guiada ESPM

A **segunda foi aberta ao público,** promovendo um diálogo enriquecedor sobre os conceitos que fundamentam a mostra **Corpo/Palavra** e o papel da colagem na comunicação visual contemporânea.

Ao encerrar a exposição, **Planel** expressou sua gratidão pela oportunidade de ver suas obras acolhidas em um espaço tão emblemático para a cultura carioca, além de agradecer à equipe do CCJF, ao apoio cultural da SBC e às **mais de 800 pessoas** que prestigiaram a colagem como forma de arte no Brasil.

Sem título | Ano: 2021
Assemblage (detalhe)



Parábola | Ano: 2024 | Colagem Analógica (detalhe)

Publicação
Filomena Chiaradia

A menina que carrega oceano na cabeça

Estamos muito orgulhosos em anunciar a publicação do primeiro livro de ficção de **Filomena Chiaradia,** integrante da **SBC** e responsável pela redação da **SBC Mag.**

O texto, que apresenta "a travessia, de quem se endireita permanentemente sob as dificuldades de suportar o oceano sobre os ombros, materializa-se, portanto, na palavra; e a diversidade polifónica d'A menina corresponde, de modo inequívoco, à hibridez formal que se desenvolve invariavelmente entre géneros: microconto, prosa poética, poema, carta?" nas palavras de **Patrícia Lino,** que assina a orelha do livro, e nos convida a uma experiência, no mínimo, diversa.

E não poderíamos deixar de mencionar a capa do livro, elaborada a partir da colagem analógica **A Menina 2,** uma das colagens da **Série A menina que carrega oceano na cabeça** criada por **Filomena** em 2024. Essa **colagem, feita em uma caixa de papelão** aberta com dimensões de 58,5 x 49,5cm traz muitos elementos que espelham as

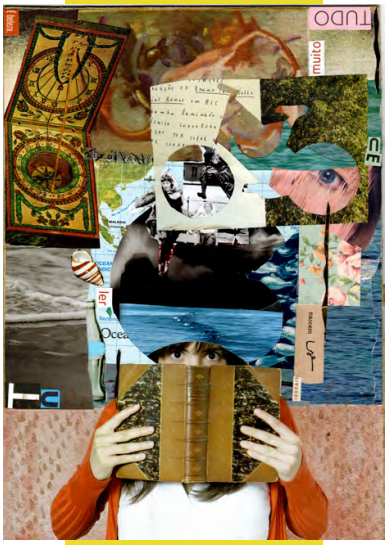
Menina 2
Ano: 2024
Colagem Analógica

Menina 2 (detalhe usado na capa)
Ano: 2024
Colagem Analógica

narrativas do livro. **Filomena criou cinco colagens nesta série** e todas elas apresentam imagens em comum, embora nenhuma igual a outra, e que evocam um “passeio visual” sobre as histórias dest’A menina.

"Reparem, no entanto, que a menina vai contar-nos histórias - este não é um livro de poesia. Só que, talvez, quiçá, a menina seja uma poeta do oceano. (...) A **Filomena** oferece-nos, neste livro, um lugar de permanente espanto. Guia-nos, deste modo polifónico e poético em permanência, por estilhaços e fragmentos, continuidades e descontinuidades recuperadas - como faz com as suas colagens -, pela vida desta menina." (do prefácio de **Judite Canha Fernandes**).

Menina 3 | Ano: 2024
Colagem Analógica



Menina 4 | Ano: 2024
Colagem Analógica

Menina 1 | Ano: 2024 | Colagem Analógica

Menina 5 | Ano: 2024
Colagem Analógica

Você pode adquirir o livro no **site da Editora Urutau**.

Para exemplar autografado, peça por **aqui.**

Calendário SBC 2025

Tempo Coletivo

Foi em 2021 que tivemos a ideia de criar um produto que pudesse ser, simultaneamente, um espaço para a arte da colagem e acessível a um grande número de pessoas. Nasceu assim o **Calendário SBC. E por que um calendário? Porque ele nos faz estar conectados por todo o período de um ano e por apresentar um espaço generoso de impressão para as artes dos colagistas.** Trazer maior fruição entre a arte e a vida cotidiana é um dos aspectos que nos encanta na criação de cada edição de nosso calendário.

Este ano, após a decisão sobre como seria a nova edição do calendário, lembramos da história do icônico **Calendário Pirelli,** lançado pela primeira vez em 1964 e que rapidamente se tornou um símbolo de prestígio e exclusividade no mundo da fotografia e da moda. Em uma época marcada por mudanças culturais e a revolução dos costumes, o calendário destacou-se por sua abordagem inovadora e ousada, rompendo com os padrões tradicionais ao retratar a beleza feminina de forma artística e provocativa, refletindo o espírito de liberdade dos anos 60. Produzido pela fabricante de pneus italiana **Pirelli,** com algumas interrupções, ele chegou em 2023 a sua 49ª edição.

Capa do Calendário 2025 - Tempo Coletivo | Marcia Albuquerque
Ano: 2024 - Colagem Digital

O que o calendário Pirelli tem a ver com a SBC?

Aparentemente, nada em comum, pois não somos uma grande indústria produzindo algo sem muito apelo, como pneus. Em vez disso, **somos um coletivo informal dedicado a dar visibilidade a uma arte múltipla, complexa e com diversas formas de expressão.** Mas há pontos de encontro. Como a **Pirelli**, pensamos a cada ano um produto especial. A indústria italiana chama renomados fotógrafos(as) com propostas artísticas diversas que dialogam, em especial, com o mundo da moda, capturando a essência da época. Nós, da **SBC**, buscamos refletir sobre a diversidade da colagem e procuramos a cada edição trazer **uma proposição expandida** deste universo.

Com uma tiragem limitada e curadoria que busca **artistas emergentes e consagrados** no Brasil e no exterior, sonhamos em torná-lo um objeto de desejo tão especial quanto o famoso calendário **Pirelli**, a celebrar a diversidade e o talento em cada edição.

Um pouco da história do Calendário SBC

O primeiro, lançado em 2022, teve como norte a temática do **Floreio Surreal** onde reunimos obras dos artistas convidados e integrandes **SBC na época**. Em 2023 pensamos em uma **chamada aberta.** Queríamos **maior proximidade** com colagistas de todo o país. O tema, lançado ainda em 2022, era afinado ao período politicamente sombrio que estávamos vivendo: **Direitos, que direitos? Mais de 100 artistas de todo o Brasil** participaram. Foi incrível e desafiador montar uma lista com as 25 melhores. Destes, **13 foram escolhidos por voto popular** e tiveram suas obras estampandas nos meses de 2023.

Para 2024 foram convidados artistas-referência no cenário da colagem brasileira. O **tema** foi **livre** e nosso objetivo era contar com a **diversidade dos olhares** de cada um. Durante esse período foi uma alegria trabalharmos com o talento de **Alberto Pereira, Eduardo Recife, Yumi Shimada, André Hellmeister, Raimundo Rodrigues, Cássia Roriz** e tantos outros. É muita gente boa produzindo trabalhos consistentes e arrebatadores.

Para 2025

A 4ª edição do **Calendário SBC** para 2025 traz o tema **Tempo Coletivo** e uma novidade: colabs entre os colagistas**.**

Colab Alessandra Portilho e Dhyogo Oliveira
Colagem Analógica | Abril

A capa, produzida por **Marcia Albuquerque** a partir de fragmentos de todas as colagens criadas exclusivamente para o calendário, busca pensar na **representatividade do tempo permeado pelo coletivo.** Não temos dúvida da importância cada vez maior de ações coletivas na **intenção de refletir** e fomentar um mundo mais justo e humano e o papel que a arte exerce nesta busca.

As colagens individuais, criadas pelos membros que compõe o coletivo **SBC** e as **colabs** inéditas entre eles - as duplas foram criadas através de um sorteio -, ilustram os meses. Este ano incluímos também o **Manifesto SBC**, documento pensado coletivamente com as diretrizes e valores que o grupo acredita, e que agora você terá nessa bela edição impressa.

O **Calendário SBC 2025** é uma coleção de 12 colagens impressas em papel Couché 150g.

Ecaramos a colagem como propagadora da liberdade, diversidade, história, equidade, contestação e repulsa aos movimentos repressivos. Gostou? Adquira hoje o seu **aqui.**

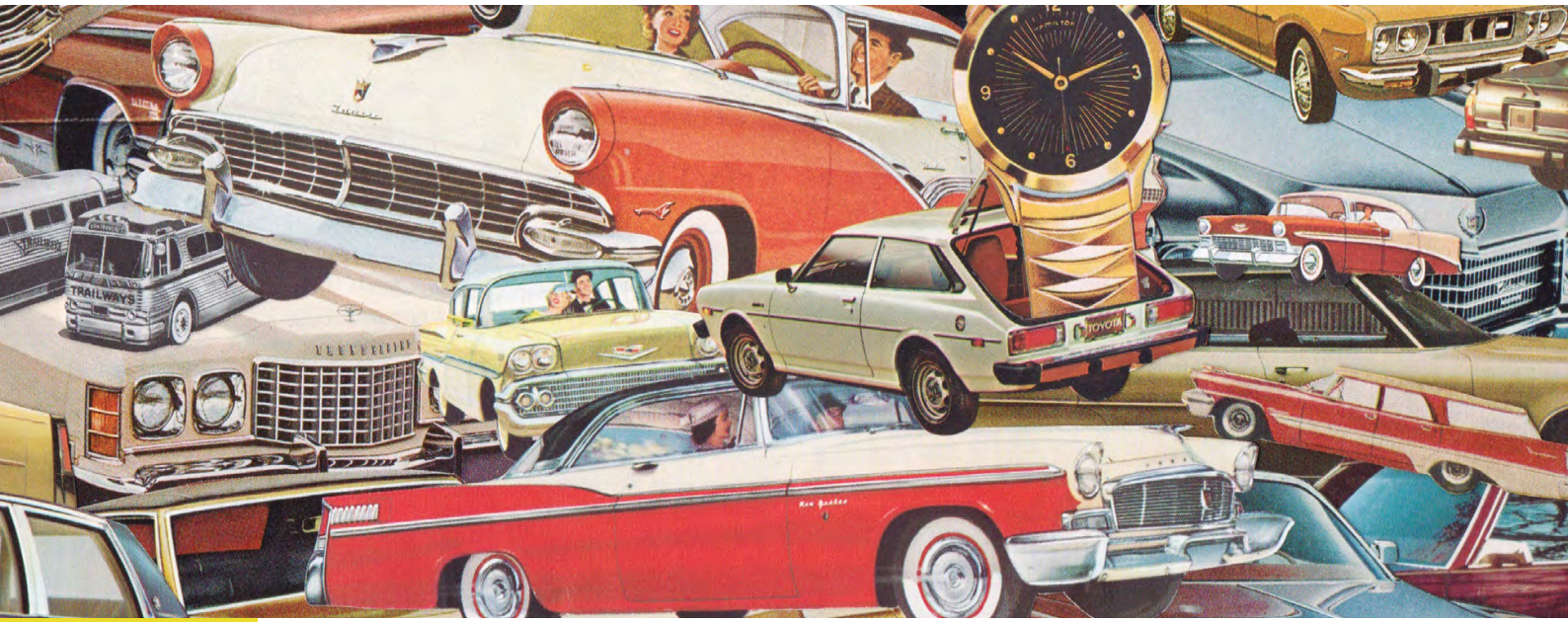
Colab Anna Janot e PV e as Colagens | Colagem analógica (detalhe) | **Junho**

Colab Fernanda Marchioro e Mauricio Planel
Colagem analógica (detalhe) | **Janeiro**

Colab Filomena Chiaradia e Marcia Albuquerque
Colagem analógica (detalhe) | **Dezembro**

Dhyogo Oliveira | Colagem analógica (detalhe) | **Novembro**

Alessandra Portilho | Colagem analógica (detalhe) | **Março**



PV e as Colagens | Colagem analógica (detalhe) | **Julho**

Anna Janot | Colagem Analógica (detalhe) | **Agosto**

Fernanda Marchioro | Assemblage (detalhe) | **Outubro**

Filomenta Chiaradia | Colagem analógica (detalhe) | **Maio**

Marcia Albuquerque | Colagem mista (detalhe) | **Fevereiro**

Mauricio Planel | Colagem Digital (detalhe) | **Setembro**

Pelo Mundo

11 colagistas brasileiros pelo mundo

(...)Decidir tirar os pés do próprio chão, cujo solo é conhecido, cujo terreno está medido, onde se planta, onde não se planta, onde é possível colher ou não, é um ato de coragem (...)

(Manuela Bezerra de Mello (org.), Volta para tua terra, Urutau, 2021)

Certamente são centenas, talvez milhares, os artistas brasileiros que decidiram viver além das fronteiras do Brasil, levando consigo suas histórias e práticas artísticas. Entre eles, onze colagistas que, espalhados pelo mundo, compartilham como a experiência de imigração influencia suas criações.

A colagem, com sua sobreposição de elementos e fragmentos, parece traduzir bem o que é ser um imigrante. "Viver fora do meu país me trouxe um senso de não-pertencimento enorme, que fez mudar radicalmente minha poética sobre ser brasileira morando em um país colonizador.", reflete **Carol Nazatto**, que vive em Portugal. Para ela, a busca de elementos que a conectam com seu passado está sendo uma busca pela própria identidade. Já **Jonny Garcia**, no Canadá, partiu para criar interpretações pessoais de músicas brasileiras, como uma forma de honrar sua ancestralidade e sua identidade de imigrante.

Yeza Lojo, morando na Espanha, nos conta como a colagem facilitou sua adaptação durante a mudança de país e como a arte ocupou o vazio que ficou depois que migrou.

Fernada Porto, na Alemanha, diz que "imigração traz vulnerabilidade, mas também superação e autodescoberta", enquanto **Danilo Brandão,** na Austrália, acha que a sua experiência de viver em um novo contexto não impactou significativamente seu trabalho.

Esses e outros artistas estão em constante redescoberta, navegando entre suas raízes e novas influências. Suas obras mostram que a colagem, assim como a imigração, é um ato de recombinar o passado e o presente, reinventando-se sempre.

Conheça o que pensam hoje estes artistas imigrantes:

. **Carol Nazatto**	- Portugal
. **Danilo Brandão**	- Austrália
. **Fernanda Porto**	- Alemanha
. **Jefferson Rib**	- Portugal
. **Jonny Garcia**	- Canadá
. **Júlia Vicente**	- Estados Unidos
. **Karina Walter**	- Estados Unidos
. **Laurindo Feliciano**	- França
. **Madame Pagu**	- Itália
. **Silvio Severino**	- Irlanda
. **Yeza Lojo**	- Espanha

Carol Nazatto

Carol Nazatto é colagista e historiadora da arte e, em suas obras, trabalha os questionamentos sobre pertencimento, mesclando objetos com o trabalho artesanal.

Como o fato de morar fora do Brasil e ser uma artista imigrante impacta sua produção artística e seu processo criativo?

Viver fora do meu país me trouxe um senso de não-pertencimento enorme, que fez mudar radicalmente minha poética sobre ser brasileira morando em um país colonizador. É quase impossível não colocar o sentimento de estar desenraizada da minha terra natal, e de não me sentir propriamente "em casa" na minha nova morada e em meus trabalhos.

Você nota alguma diferença na forma em que a cultura e a identidade brasileira se expressam em suas obras após fixar residência em outro país?

Notei que comecei a buscar alguns elementos que me conectam com meu passado. A busca é mais pela minha própria identidade do que por uma "identidade brasileira". De fato, nesse ponto, escolhi voltar a trabalhar bastante com assemblage - misturando fotos e objetos com o crochê, por exemplo. Foi uma forma poética que encontrei para trazer um pouco a sensação de casa para mais perto de mim.

Você destacaria alguns fatores e influências da comunidade local com a qual convive agora que tenham provocado mudanças nos seus procedimentos e conceitos artísticos em relação a colagem?

Tenho feito muitas comparações entre as culturas. Paralelo ao meu trabalho artístico, pesquiso a arte decolonial, então para mim é muito difícil não colocar tudo lado a lado. Daí a assemblage fazer muito sentido, já que consigo colocar objetos dos dois países nas obras e traçar muito diretamente esses questionamentos.

@carolnazatto

Sem título
Ano: 2019
Colagem Analógica (fotografias, fios de algodão e alfinete de metal)

“Tenho feito muitas comparações entre as culturas.

Latino-americana
Ano: 2022
Colagem Analógica (recortes de papel, fotografia, tecido e objetos sobre papel de algodão)

Raízes
Ano: 2023
Colagem Analógica (foto, flores secas e alfinete sobre papel)

Danilo Brandão

Com ampla experiência em projetos criativos e uma expressão artística multifacetada, Danilo Brandão é um designer e artista visual independente em Sydney, Austrália.

Como o fato de morar fora do Brasil e ser uma artista imigrante impacta sua produção artística e seu processo criativo?

Eu percebo a colagem como uma narrativa global, uniforme, independentemente de sua origem. Assim, minha experiência de viver em um novo contexto não impacta significativamente meu trabalho e processo criativo de forma a alterar as qualidades originais. As influências enriquecem a minha perspectiva, mas a essência do meu trabalho permanece.

Você nota alguma diferença na forma em que a cultura e a identidade brasileira se expressam em suas obras após fixar residência em outro país?

Não sinto que meu trabalho necessariamente reflita características tipicamente brasileiras. O que noto é uma essência própria que emerge devido ao meu contexto atual. Não vejo essa essência como necessariamente 'brasileira'.

Você destacaria alguns fatores e influências da comunidade local com a qual convive agora que tenham provocado mudanças nos seus procedimentos e conceitos artísticos em relação a colagem?

Uma adição significativa ao meu trabalho tem sido a influência de uma estética mais minimalista, resultando em uma abordagem menos ornada e mais centrada na essência. Acredito que essa qualidade tenha surgido organicamente na evolução do meu processo, possivelmente influenciada por fatores externos.

@brandao_danilo

In Silence
Ano: 2018
Colagem Analógica (colagem de papel em madeira)

"... a essência do meu trabalho permanece.

Mechanics of Killing
Ano: 2015
Colagem Digital

Nervous Murk
Ano: 2019
Colagem Analógica (colagem de papel e tinta spray em prancha)

Fernanda Porto

Fernanda Porto é uma artista visual multidisciplinar brasileira estabelecida na Alemanha, onde também é co-fundadora do grupo “Berlin Collage Platform”.

Como o fato de morar fora do Brasil e ser um artista imigrante impacta sua produção artística e seu processo criativo?

Mudei do Brasil para a Espanha em 2006 e para Berlim, na Alemanha, em 2013. A imigração traz vulnerabilidade, mas também superação e autodescoberta, o que reconfigurou a minha identidade artística. Em cidades cosmopolitas encontro uma grande fonte criativa e vejo na arte contemporânea uma forma de interpretar essa narrativa multicultural.

Você nota alguma diferença na forma em que a cultura e a identidade brasileira se expressam em suas obras após fixar residência em outro país?

Sem dúvida! Somente ao sair do Brasil percebi o quanto a cultura brasileira está presente na minha linguagem visual. Notei uma diferença clara: me sinto mais orgulhosa da liberdade no uso das cores. Minhas séries trocam matizes entre uma obra e outra, o que, de certa forma, me remete às alas coloridas dos desfiles de carnaval. Descobri ser sinestésica e associo pessoas a cores e formas. Cada colagem representa alguém e, nesse imaginário visual, as raízes culturais brasileiras estão muito presentes.

Você destacaria alguns fatores e influências da comunidade local com a qual convive agora que tenham provocado mudanças nos seus procedimentos e conceitos artísticos em relação a colagem?

Ter fundado o grupo **Berlin Collage Platform** na Alemanha, e ter tido o contato com **Dennis Bush, Laura Kanyer, Rebeca Elizeghy** entre outros, me fez compreender o grande valor da colagem dentro do circuito de arte contemporânea.

@fernandaportoart
www.fernandaportoart.com

Connect A.F.
Ano: 2022
Colagem Analógica

Connect L.O.
Ano: 2023
Colagem Analógica

"...a cultura brasileira está presente...

Connect C.L.
Ano: 2022
Colagem Analógica

Jefferson Rib

(ou Jeff) é carioca e mora no Porto (PT) desde 2018. É artista gráfico. Gosta de colagem, de gravura, de tinta, de pastel e de Photoshop.

Como o fato de morar fora do Brasil e ser um artista imigrante impacta sua produção artística e seu processo criativo?

Mudar de país, na verdade, foi determinante para que eu começasse a me enxergar como artista. Antes de me mudar para Portugal, eu não tinha um trabalho próprio, uma pesquisa artística individual. Atuava como designer gráfico, figurinista e cenógrafo para produções teatrais e eventos culturais, ou seja, era sempre um trabalho para "atender" um projeto. Então eu só consigo pensar mesmo a partir daqui, da minha experiência enquanto imigrante.

Você nota alguma diferença na forma em que a cultura e a identidade brasileira se expressam em suas obras após fixar residência em outro país?

Creio que o fato de ser imigrante, sendo artista ou não, mudará seu olhar sobre o seu país de origem – para o bem ou para o mal. Como disse anteriormente, minha experiência artística surge a partir da minha mudança, então não há um antes e depois. Porém, sobretudo nos últimos meses, meu trabalho tem se voltado bastante para um certo imaginário brasileiro, sobretudo ligado ao carnaval, aos cenários de afeto... E sim, acho que estar longe tem uma grande influência nisso tudo.

Você destacaria alguns fatores e influências da comunidade local com a qual convive agora que tenham provocado mudanças nos seus procedimentos e conceitos artísticos em relação a colagem?

Acredito que tematicamente sim. Estar em Portugal e não abordar criticamente o nosso processo de colonização – e tudo que ele envolve – seria um grande desperdício.

@jeffersonrib_

A Mulher de Ló - para P.
Ano: 2023
Colagem, tinta acrílica e lápis de cor sobre papel

Miss Portugal
Ano: 2023
Colagem, guache e posca sobre papel

"...minha experiência artística surge a partir da minha mudança..."

Sobre o rabo - para R.
Ano: 2023
Colagem e pastel sobre papel

Jonny Garcia

Jonny Garcia é um colagista digital de alma curiosa, que está sempre em busca de novas formas de expressão artística. Nascido em São Paulo, atualmente reside no Canadá.

Como o fato de morar fora do Brasil e ser um artista imigrante impacta sua produção artística e seu processo criativo?

Descobri a colagem quando já residia fora do país e rapidamente se tornou minha forma primária de expressão. A vida de imigrante é cheia de desafios, surpresas e conquistas. As diversas e complexas emoções que senti ao longo desses anos foram exteriorizadas através de colagens em um processo reflexivo e de autoconhecimento.

Você nota alguma diferença na forma em que a cultura e a identidade brasileira se expressam em suas obras após fixar residência em outro país?

A distância da minha cultura natal permitiu um apreço pela cultura brasileira que antes não existia. Um dos conjuntos mais numerosos de obras que produzi são interpretações pessoais de músicas brasileiras, como uma forma de honrar minha ancestralidade e minha identidade de imigrante. A melhor fonte de inspiração são nossas experiências pessoais, e sou grato por ter tido a oportunidade de vivenciar o dia a dia de uma cultura muito diferente da do Brasil.

Você destacaria alguns fatores e influências da comunidade local com a qual convive agora que tenham provocado mudanças nos seus procedimentos e conceitos artísticos em relação a colagem?

Meu processo artístico ligado à colagem é individual e solitário, tendo sido desenvolvido quando já residia no exterior. Este é um processo resultante dos meus estudos pessoais, que não estão limitados a uma cultura específica.

@art.by.jonny

Bler
Ano: 2021
Colagem Digital

"Meu processo artístico ligado à colagem é individual e solitário...

Exagerado
Ano: 2022
Colagem Digital

Permanency
Ano: 2024
Colagem Digital

Julia Vicente

Nascida no Rio, Júlia Vicente une a exuberância brasileira à fascinante energia de Los Angeles, homenageando suas raízes e expressando resiliência e o poder dos sonhos em sua arte única.

Como o fato de morar fora do Brasil e ser uma artista imigrante impacta sua produção artística e seu processo criativo?

Morar fora do Brasil ampliou meu acesso a materiais que antes eram inacessíveis, por conta dos custos, como revistas vintage e de moda e outros materiais de arte. Aqui pude me permitir ser artista de verdade. Porém, o tempo para criar é limitado por não ser uma artista full-time. Ainda assim, sou constantemente estimulada de maneiras que não experienciei no Brasil.

Você nota alguma diferença na forma em que a cultura e a identidade brasileira se expressam em suas obras após fixar residência em outro país?

Sim, noto uma grande diferença. Me sinto mais livre para criar sem medo e isso me permite incorporar cores e simbolismos da cultura brasileira de maneira mais pessoal e sutil. A distância me deu a confiança para explorar essas referências de forma menos óbvia. Se estivesse no Brasil, talvez me cobrasse mais para que fosse algo mais explícito, mas vivendo fora, tenho a liberdade de ressignificar e representar minha cultura de maneiras únicas e íntimas.

Você destacaria alguns fatores e influências da comunidade local com a qual convive agora que tenham provocado mudanças nos seus procedimentos e conceitos artísticos em relação a colagem?

Los Angeles, com sua diversidade cultural e artística, me inspira a explorar novas abordagens na colagem. A convivência com artistas de várias mídias e a influência de museus e galerias locais têm ampliado meu olhar e refinado meu processo criativo.

@jum4nu

Priestess of Umbanda
Ano: 2023
Colagem Analógica

Do Arpoador ao Morro Dois Irmãos
Ano: 2023
Colagem Analógica

Rainha do Oceano
Ano: 2023
Colagem Analógica

“Aqui pude me permitir ser artista de verdade.

Karina Walter

Sou artista multidisciplinar e, desde 2018, moro em Charlotte, nos EUA. Trabalho com diferentes técnicas como colagem, fotografia, assemblages, esculturas e instalações. Me interesso pelos papéis das mulheres na sociedade ocidental e as camadas históricas que os definiram - domesticação patriarcal.

Como o fato de morar fora do Brasil e ser uma artista imigrante impacta sua produção artística e seu processo criativo?

O ambiente é um grande provocador de transformação. Ao morar fora, nós nos desfazemos, vamos absorvendo essa nova cultura e nos remontamos – é como uma colagem, e isso passou a fazer parte da minha forma de criar.

Viver em outros países também acentuou minha percepção sobre questões de gênero que me interessam e me ajudou a entender qual é o lugar da minha fala.

Você nota alguma diferença na forma em que a cultura e a identidade brasileira se expressam em suas obras após fixar residência em outro país?

Sinceramente, não. Mas me explico. O tema de meus trabalhos é a mulher, seu corpo subjugado, seja pelo discurso patriarcal ou por uma raiz deste discurso, como aquele que determina um padrão de beleza que, inclusive, leva ao esvaziamento de identidade. Trabalho com revistas de moda brasileiras e internacionais e existe pouca diferença nas mulheres representadas. E é sobre isso! Entendo que incorporar no meu trabalho aspectos de brasilidade, que é um conceito também extremamente complexo e amplo, seria "regionalizar" um tema que entendo como universal.

Você destacaria alguns fatores e influências da comunidade local com a qual convive agora que tenham provocado mudanças nos seus procedimentos e conceitos artísticos em relação a colagem?

A fraca reciclagem me chamou atenção e acentuou minha vontade de reutilizar materiais. Guardo toda mídia impressa enviada pelo correio. É uma avalanche semanal de papel. Também coleciono os materiais residuais da manutenção da casa, que nos EUA é de nossa responsabilidade, e de produtos para o corpo. Desse acúmulo, surgiram minhas primeiras assemblagens.
@ka_walter

Beleza Inventada
Ano: 2024
Gelli Plate

Bela e pop
Ano: 2024
Gelli Plate

"... vamos absorvendo essa nova cultura e nos remontamos – é como uma colagem...

Power
Ano: 2024
Gelli Plate

Laurindo Feliciano

Artista, ilustrador e professor brasileiro nascido em Belo Horizonte em 1980. Radicado na França desde 2003, seu trabalho foi publicado e exposto em vários países e reconhecido pela AOI (Association of illustrators UK) na categoria editorial profissional.

Como o fato de morar fora do Brasil e ser um artista imigrante impacta sua produção artística e seu processo criativo?

Cheguei em Paris em 2003, aos 22 anos. Morar por tanto tempo fora do Brasil fez com que eu assimilasse a cultura francesa de maneira muito ampla. Então é difícil para mim ter esse recuo e entender questões de pertencimento, talvez a melhor resposta seria: me sinto brasileiro, mas com uma forte identidade europeia. E isso se percebe claramente nas diferentes influências estéticas e na simbologia presentes no meu trabalho.

Você nota alguma diferença na forma em que a cultura e a identidade brasileira se expressam em suas obras após fixar residência em outro país?

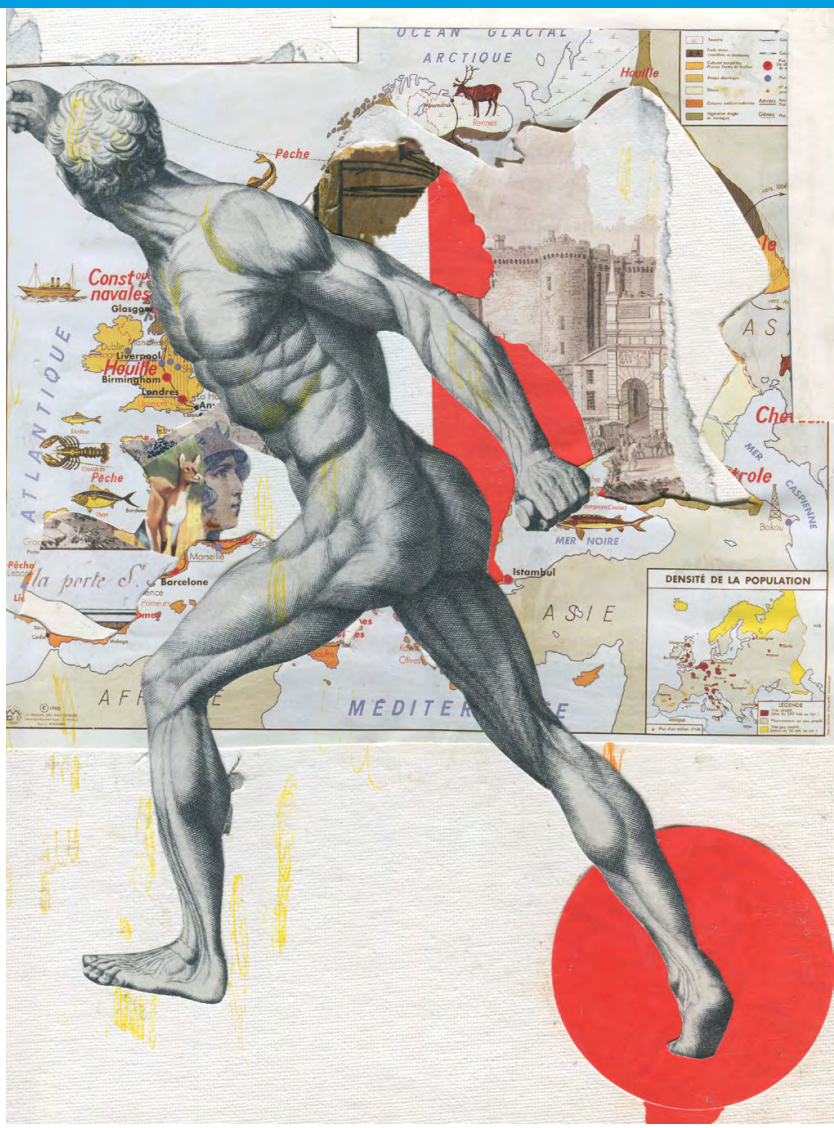
Antes de me tornar artista trabalhei nas áreas de arquitetura e design em Paris, ou seja, já era residente aqui quando desenvolvi minhas habilidades artísticas, então não posso propriamente mencionar esse período em que ainda vivia no Brasil. Mas claramente se percebe as influências do Brasil no meu trabalho, não é necessário reivindicar minhas origens através da escolha de cores, dos temas, na presença constante de elementos da natureza e na forte simbologia de realismo fantástico.

Você destacaria alguns fatores e influências da comunidade local com a qual convive agora que tenham provocado mudanças nos seus procedimentos e conceitos artísticos em relação a colagem?

A França respira colagem. A própria estrutura urbana evoca isso, a mistura de tradicional e contemporâneo. Então eu diria que meus conceitos e processos são influenciados pelo ambiente mais do que por outros artistas com os quais convivo. Embora os movimentos de avant-gardes tenham sido criados aqui, sinto que a arte acadêmica tem ainda forte impacto na ideia geral que as pessoas têm do que é arte. Por vezes preciso explicar que desconstruir e recriar através de elementos já existentes pode ser muito mais interessante e libertador.

@laurindof
www.laurindofeliciano.com

L'hypothèse dualiste
Ano: 2024
Colagem Digital



Athéna
Ano: 2022
Colagem Analógica sobre tela

Le Guérisseur
Ano: 2024
Colagem Digital

"A França respira colagem.

Madame Pagu

Acredito que a arte não tem fronteiras, e no meu processo incluo materiais variados e técnicas de colagem híbrida, que mescla os caminhos do analógico com o digital.

Como o fato de morar fora do Brasil e ser uma artista imigrante impacta sua produção artística e seu processo criativo?

Vivo na Itália, onde se respira arte, e estar exposta hodiernamente a obras que via em livros, exposições ou pela tela do computador, enriquece minhas referências. Então sinto que existe um encontro prazeroso entre a brasilidade que carrego e essas influências atemporais, além da troca com artistas contemporâneos locais.

Você nota alguma diferença na forma em que a cultura e a identidade brasileira se expressam em suas obras após fixar residência em outro país?

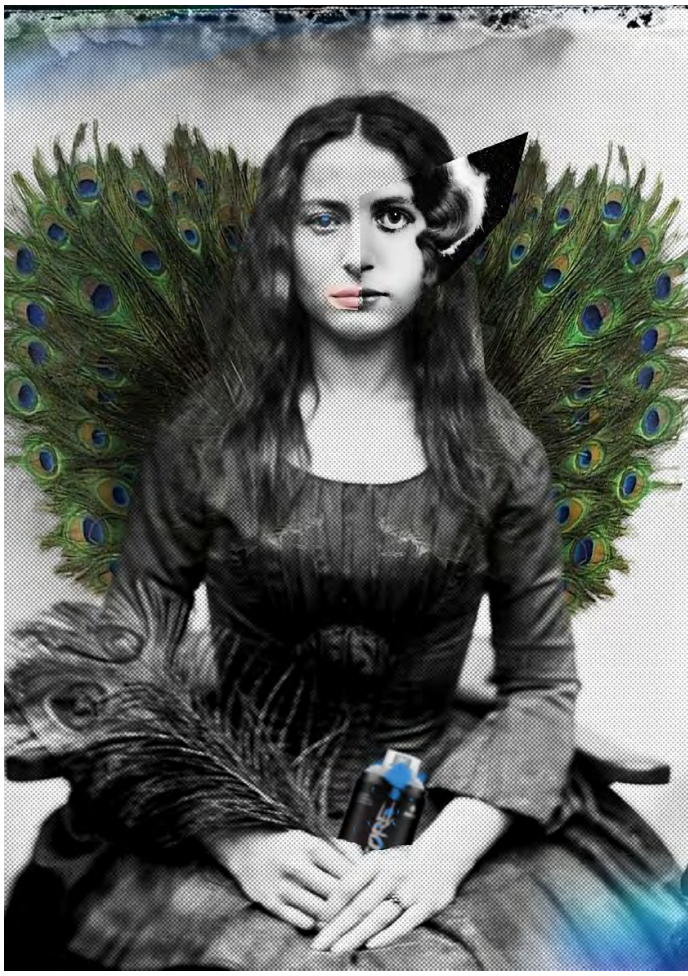
As coragens mudam de país para país: essa foi a primeira coisa que aprendi por aqui. Minha produção trata de temas delicados e tenho sido fiel a abordar tais assuntos, mesmo que em alguns países da Europa isso ainda cause constrangimento. Trabalho com o feminino, o impacto do tempo sobre as relações humanas e a memória, que estão presentes em qualquer sociedade, o que pode mudar é a forma como são entendidos. Mas o Brasil que vive dentro de mim sorri e, mesmo assim fala sobre assuntos difíceis, sem se sujeitar, sem se acovardar.

Você destacaria alguns fatores e influências da comunidade local com a qual convive agora que tenham provocado mudanças nos seus procedimentos e conceitos artísticos em relação a colagem?

Meu trabalho encontrou abrigo em um outro tipo de liberdade conceitual e poética, já que aqui não somos refém de uma única escola de pensamento. E estar em contato com a obra dos Grandes Mestres nos dá asas para voos infinitos.

@madamepagu

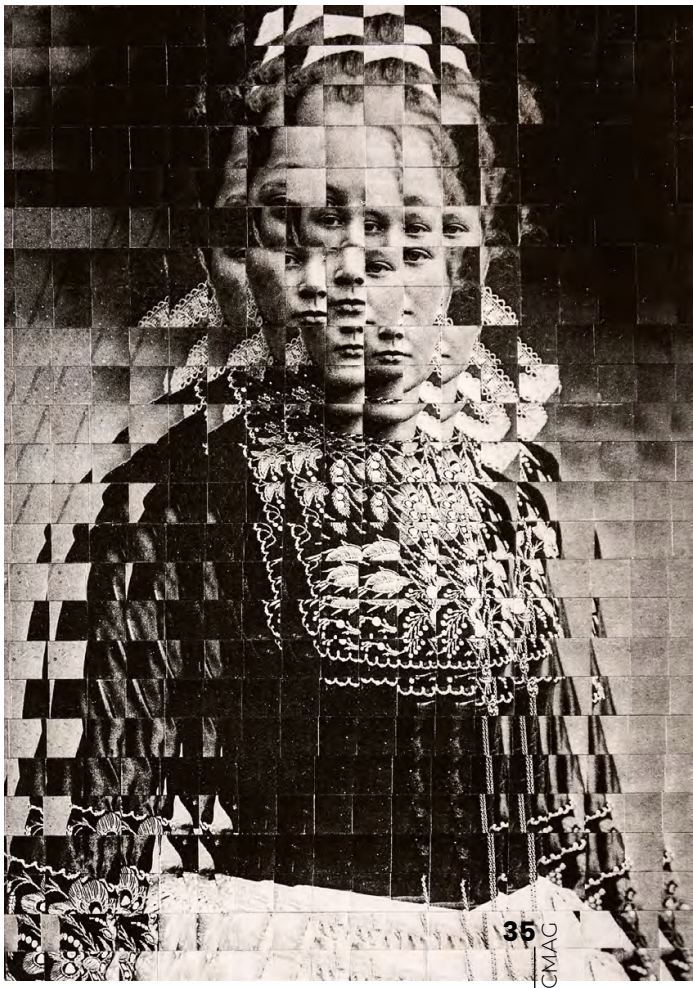
Anja
Ano: 2023
Colagem Digital



Derrièrre #9
Ano: 2021
Colagem Híbrida

“As coragens mudam de país para país.

Dentro di me
Ano: 2021
Colagem Analógica



Silvio Severino

Silvio Severino, também conhecido como @loop_conspiracy, é fotógrafo, ilustrador, cineasta, animador e colagista que trabalha tanto de maneira analógica quanto digital. Natural de Porto Alegre, reside atualmente em Cork, Irlanda.

Como o fato de morar fora do Brasil e ser um artista imigrante impacta sua produção artística e seu processo criativo?

Tento absorver a cultura e estética locais, visitando museus e galerias sempre que possível, o que enriquece minha arte. Como artista de colagem, minhas fontes são de materiais já existentes. Por exemplo, quando morei na Hungria, tive acesso a revistas e livros antigos da época da cortina de ferro, materiais que jamais teria encontrado em outro lugar. Trazemos uma bagagem cultural e pessoal que procuro integrar à minha prática no local onde estou vivendo. Todo país em que moro influencia o meu trabalho.

Você nota alguma diferença na forma em que a cultura e a identidade brasileira se expressam em suas obras após fixar residência em outro país?

É difícil dizer, pois me tornei artista já estando na Europa. Claro que trouxe uma bagagem cultural e estética de Porto Alegre. No entanto, sempre fui impactado por designers britânicos (Vaughan Oliver da 4AD e Peter Saville da Factory Records são os mais evidentes). Capas de discos foram meu primeiro contato com as artes visuais. Os movimentos artísticos europeus como dadaísmo, surrealismo e a estética punk, a Pop Art americana e elementos da cultura popular sempre moldaram meu imaginário.

Você destacaria alguns fatores e influências da comunidade local com a qual convive agora que tenham provocado mudanças nos seus procedimentos e conceitos artísticos em relação a colagem?

Ao chegar em Cork, rapidamente me integrei à comunidade artística local. Expus meu trabalho, atuei como curador na exposição "New Reality" e fiz co-curadoria no Collagists Festival, além de dar oficinas de colagem. O forte senso de comunidade e integração que sinto aqui tem sido uma grande inspiração.

@loop_conspiracy

Cartola-Capas_de_K7
Ano: 2021
Colagem Analógica

I Kissed A Boy
Ano: 2021
Colagem Analógica

“Todo país em que moro influencia o meu trabalho.

Teufelsberg Berlin
Ano: 2023
Colagem Digital

Yeza Lojo

Yeza Lojo (Rio de Janeiro, 1994) vive e trabalha desde 2019 em Granada (Espanha). É graduada em Ciências Sociais pela PUC-Rio (2018) e fez mestrado em Estudos Literários e Teatrais pela Universidad de Granada (2023). Em seus trabalhos aborda temas como o feminino, a espiritualidade e a ecologia.

Como o fato de morar fora do Brasil e ser uma artista imigrante impacta sua produção artística e seu processo criativo?

A colagem facilitou minha adaptação durante a mudança de país, criar arte foi também criar meu cotidiano como estrangeira. A colagem me deu coragem, se era capaz de fazer obras tão especiais para mim, também poderia me reinventar para viver longe. Com a arte ocupei o vazio que ficou depois que migrei, é como me conecto comigo mesma.

Você nota alguma diferença na forma em que a cultura e a identidade brasileira se expressam em suas obras após fixar residência em outro país?

O que me faz brasileira é o que guardo na minha memória apesar da passagem do tempo. Falo como uma estrangeira que poderia ser de qualquer outro lugar, me afastei do que marcava o "rosto" do Brasil visto de fora. Penso no Brasil desde dentro, partindo dos meus afetos e da minha história. A minha ancestralidade é tema das minhas colagens, mas isso não é explícito. Aposto no não dito, deixo espaços vazios, lacunas por preencher, mistérios sem resolução, porque é isso que sinto como mulher migrante.

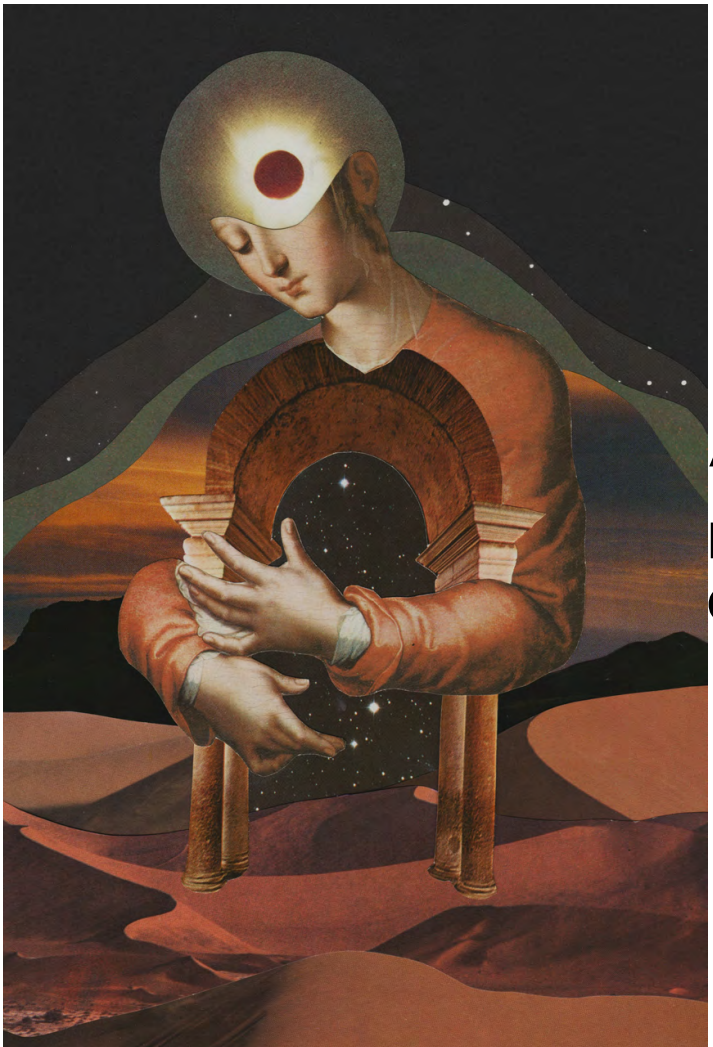
Você destacaria alguns fatores e influências da comunidade local com a qual convive agora que tenham provocado mudanças nos seus procedimentos e conceitos artísticos em relação a colagem?

Quando cheguei percebi a necessidade de me apropriar da cidade para construir meu acervo pessoal, encontrei coisas no lixo, descobri sebos e recebi doações. Com a colagem criei uma casa, onde tenho meus recortes é onde pertenço.

@yeza_____

La fuerza
Ano: 2024
Colagem Analógica

Meditaciones 1
Ano: 2024
Colagem Analógica



"...onde tenho meus recortes é onde pertenço.

La Papisa 2
Ano: 2024
Colagem Analógica

Fábio Borges
NOVA SÉRIE
PROTETORES
COMPRE ONLINE
WWW.FABIOBORGES.ART
FABIO.BORGS

Toda pessoa tem a sua máscara

POPKLIK é artista visual carioca. Criou a série Seus Rostos usando portraits para a colagem analógica. A camada com diversos materiais caracteriza uma máscara. No primeiro plano a cena particular invade olhos, lábios, cabelos, orelhas e narizes, que estão no fundo, no rosto dividido e escondido. Ela e Ele mimetizam-se.

popklikcollages

ouça o texto

Quem é

André Hellmeister

Bombardeio (detalhe)
Ano: 2024
Colagem Analógica

SBC | André, vamos alterar a convenção e ao invés de começarmos com a clássica pergunta de "como foi que tudo isso começou" vamos direto ao hoje. Depois desta já longa trajetória como artista, designer e outras funções que daqui a pouco você irá contar para nós, nos diga o que é para você hoje seu trabalho com a colagem, que espaço ela ocupa no seu cotidiano, o que ela representa e o que ela te ensina?

AH | Meu trabalho com colagem deriva muito do que aprendi como designer editorial e diretor de arte na publicidade, além do que aprendi convivendo com meu pai. Nesse tempo, conheci muitos talentos que me inspiraram e me ajudaram a perceber a colagem como algo além da cola e tesoura.

Vou contar uma pequena trajetória para chegar nos dias de hoje.

Sempre pensava em fazer algo maior em tamanho, sair do espaço limitado da prancheta. Em 2019, surgiu um projeto: criar uma colagem em uma lateral de um edifício no centro de São Paulo. Acho que era um pouco grande demais...

A convite do meu amigo artista e professor **Marcos Mello,** junto com outro artista que admiro, **Daniel Melim,** e o designer americano **David Carson** (nosso ídolo dos anos 90 e hoje um colagista de mão cheia), enfrentamos o desafio. Um paredão de mais de 30 metros de altura em um prédio no centro de São Paulo, toda feita com colagem. A escala assustava um pouco, mas depois de um planejamento muito longo, conseguimos chegar à composição e começar a executar. Tivemos alguns perrengues no meio do caminho, mas no final deu tudo certo, ficou lindão. Afinal de contas, compor uma colagem com mais de 30 metros, com vento, chuva e a altura, foi desafiador.

Depois dessa aventura, além do limite físico, achei melhor baixar a bola um pouco. No meio da pandemia, com limitação de materiais pois estava longe do meu ateliê, comecei a trabalhar com outros recursos e suportes que tinha no momento: base em compensado, fundo com massa corrida e gesso acrílico. Me virei com o que tinha. A colagem é isso: você não fica tolhido por falta de material, tudo é linguagem, tudo é colagem.

São Paulo | Ano: 2019
Colagem em empena de 30m

"A colagem é isso: você não fica tolhido por faltade material, tudo é linguagem, tudo é colagem."

Exposição Collage Experience
Estúdio Pop

E na sequência, depois de começar a experimentar a colagem em suporte e formato maior, surgiu a ideia da **Collage Experience**. Durante três semanas, os artistas **Roger Bassetto, Cezar Almeida** e eu nos encontramos no **Estúdio Pop** para uma produção coletiva. O processo envolveu muita colaboração e uma generosa troca de materiais com as possibilidades expandidas da colagem, usando outros suportes e formatos. Foi um aprendizado que aconteceu em decorrência do fazer, o erro foi estimulado, não importando o estágio de experiência artística. Uma ação levou a outra e o nível de exploração e complexidade aumentou a cada dia. O espaço físico também ajudou, trabalhar de pé e em suporte de tecido/tela levou a um processo diferente de composição e finalização da própria colagem, resultando em uma exposição com mais de 20 trabalhos em formatos que não cabem na mapoteca.

Toda essa jornada me ensinou que não basta ter ideias/projetos, é preciso fazer, colocar em prática. Dá trabalho, mas ver o resultado, sem julgamentos, nos leva a outras indagações e estímulos para novas frentes.

Roger Basseto no Estúdio Pop

MST
Colgem sobre tela | 2024
Exposição Collage Experience
Estúdio Pop

“Não basta ter ideias/projetos, é preciso fazer, colocar em prática.”

SBC | No lindo minidoc “rasga r / r einventar - André Hellmeister”, do projeto Vozes da Arte (que recomendamos fortemente aos nossos leitores assistirem - link no final da entrevista), você conta um pouco de como a colagem e a tipografia se apresentaram para você a partir do trabalho de seu pai - Tide Hellmeister, mas que você só mergulhou mesmo na técnica da colagem após o falecimento do Tide em 2008. Conta para gente como foi esse percurso e como a colagem passou então a ser o centro de sua expressão artística.

AH | É curioso isso, pois a colagem sempre fez parte da minha vida. O convívio com meu pai trazia isso. No meu cotidiano, trabalhando como diretor de arte em publicidade, talvez me tirasse um pouco do foco, mas a colagem sempre estava ali. Eu sempre acompanhei o percurso do meu pai (comecei com ele), palpitava nos projetos, mas não me atrevia a fazer isso.

Depois do falecimento dele, além de cuidar do seu acervo, comecei a experimentar, fazendo ilustrações com minha dupla na agência, **James Scavone.** Ilustrávamos um blog, ele na redação e eu na colagem, bem despretensioso. Era apenas uma investigação visual para sair da rotina da publicidade. Algum tempo depois, resolvi largar a publicidade e ir para o mercado de design editorial e branding, além de cuidar mais diretamente do acervo.

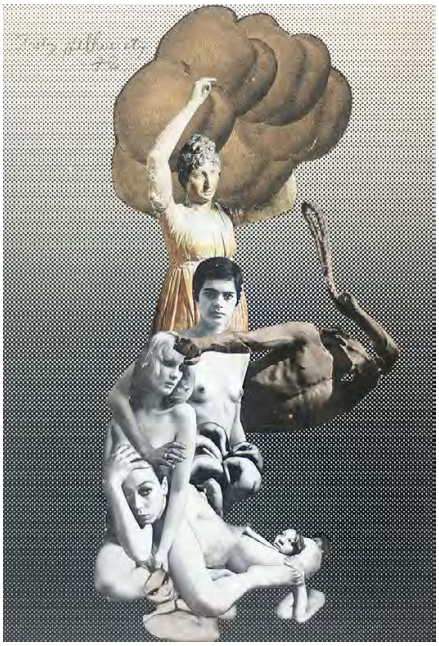
Alguns amigos começaram a me estimular, como o tipógrafo, designer e artista visual **Claudio Rocha**, junto com seu companheiro, o professor e artista **Marcos Mello**. Na época, eles capitaneavam a **Oficina Tipográfica São Paulo**, daí veio a influência tipográfica também. Fizemos muitos trabalhos em conjunto, e isso foi acontecendo de maneira intuitiva e orgânica. Era engraçado quando eles falavam para mim: “André, você é o cara da colagem.” Eu respondia: “Gente, eu nunca fiz isso.” E eles diziam: “Ahhhh, mas tá no sangue.” Baita responsabilidade.

São Paulo Fragmentada 2 | Ano: 2019 | Colagem sobre papel

Fui gostando, fazendo, divulgando, estudando, aplicando em alguns trabalhos de design, dei oficinas e workshops de colagem. É muito bacana como o desenvolvimento da colagem veio depois. Eu tinha muito material do meu pai: recortes, preparações, mas nunca consegui usar. Tentava imitar seu estilo, mas ficava uma merda. Usei esses materiais nas minhas oficinas de colagem, aí sim foi um bom destino para um pequeno acervo de materiais. Recentemente, fiz uma doação para vários amigos artistas, inclusive para a **SBC**, de todo esse material. Foi um bom destino para eles.

SBC | Tide Hellmeister, seu pai, nos deixou um imenso legado artístico e também um grande acervo, preservado em seu ateliê. Você tem sido o gestor deste patrimônio. Sabemos das dificuldades e do trabalho que existe na conservação e preservação de acervos artísticos e da importância em fazê-lo. Gostaríamos que você nos contasse sobre como tem sido essa gestão, quais planos e projetos já aconteceram e estão para acontecer, se há uma forma da comunidade artística da colagem contribuir no sentido de fortalecer as ações que visam a preservação e difusão deste importante acervo.

AH | Essa é uma das atribuições mais difíceis para mim. Me coloco como um gestor, mas não sou de fato um expert em gestão de acervo. Me coloco nisso até onde consigo. Memória, preservação, divulgação, comercialização de acervo são quesitos difíceis no Brasil. Depende do nome, da trajetória, onde o artista se inseriu, às vezes até independente da qualidade artística. É um conjunto de ações que precisam ser trabalhadas com muito foco.



Tide Hellmeister | Ano: 1972 | Sem título
Colagem sobre película de Letrafilm

Tide Hellmeister | Ano: 1974 | Sem título
Colagem sobre película de papel Contact

Foi muito importante conhecer e estudar melhor o trabalho do meu pai. Organizei algumas exposições, uma delas foi a **"Cota Zero"**, no Sesc Bom Retiro (2017), com curadoria de Paulo Miyada. Fizemos um recorte das obras do meu pai das décadas de 60 e 70, bem no início de sua carreira. Eram obras que

Tide e André Hellmeister | Ano: 2024 | Sem título
Pintura acrílica e colagem sobre tela

sempre estiveram conosco, sempre presentes em casa, mas que eu nunca havia estudado a fundo. Sabe aqueles objetos que sempre estiveram convivendo com a gente? Pois é, fui dar valor depois do meu pai falecer. Busquei artigos em jornais, matérias, críticas, algumas até negativas. Mas isso me fez entender bastante a trajetória dele.

"Tentava imitar seu estilo, mas ficava uma merda."

Todo esse processo me fez conhecer melhor suas angústias e sua paixão pela colagem. Ele era um criador muito intenso; seu prazer era ficar na prancheta, criando, colando. Foi uma produção muito grande. Além do volume, a qualidade das obras ainda me impressiona.

O acervo é muito grande, com muitas pinturas, fotocolagens, experimentações, alfabetos, projetos e muito mais. Isso precisa de uma gestão mais profissional para catalogar e acondicionar de forma adequada. Hoje busco um destino para elas, seja em instituições, galerias ou museus, para que as pessoas, artistas e estudantes, possam ter acesso de forma organizada a esse acervo tão importante para a cena das artes visuais no Brasil.

Tide Hellmeister

SBC | Agora nos conte como foi sua formação, quais as principais influências que teve ao longo de sua carreira, quais decisões no seu percurso profissional foram boas escolhas e quais você abandonou, o que te move criativamente e quais desafios você se coloca ou que se apresentam para você como artista.

AH | Me formei nas criações artísticas no estúdio do meu pai, que ainda hoje uso o nome, o **Estúdio Collages**, um estúdio de artes visuais e design gráfico. Estava me formando no colegial quando meu pai me chamou para ajudar em um trabalho encomendado pela **Gradiente**. Minha tarefa era colar dupla face e preparar elementos geométricos para meu pai finalizar em pôsteres únicos para a divulgação de uma linha de produtos da **Gradiente.** Ele foi o responsável pela linha visual dessa campanha, e lá fui eu ajudar a colar mais de 500 pôsteres. Comecei e nunca mais parei.

Entrei na faculdade de artes plásticas, mas acabei não terminando (me arrependo um pouco dessa decisão). Porém, tinha uma escola pela

frente. Comecei aprendendo a fazer paste-up, na época não havia Mac, e convivi com a transição para o desktop publishing. Depois de um aprendizado de sete anos no estúdio do meu pai, parti para a publicidade como diretor de arte, onde fiquei por mais de vinte anos.

A publicidade me trouxe muita coisa boa, mas não era um ambiente onde eu me sentia à vontade, sempre era tratado nas agências como o "artista". Meus sócios na época brincavam comigo, não deixavam eu ir para reuniões com os clientes: "ele vai falar a verdade", riam. Foi uma fase divertida como empresário.

Depois da publicidade (que ainda faço no meu dia a dia), decidi me dedicar mais ao design editorial, design gráfico e branding, além de me aprofundar na colagem.

"Quando se fala em colagem, muitas vezes vem à mente a imagem de um trabalho infantil." Assim começa uma matéria sobre uma exposição de **Jirí Kolár** (1914-2002, República Tcheca). Veja como a arte da colagem é abordada nesta análise. Quando vi essa exposição de Jirí no **Instituto Tomie Ohtake**, em São Paulo, fiquei impressionado; a partir daí, tudo mudou para mim.

Kolár utiliza composições de imagens relacionadas à literatura, história, música, tipografia e ciência para criar obras politicamente engajadas, algumas com uma certa ironia visual. Além disso, o acabamento de suas colagens é impecável. Ele desenvolveu técnicas como **froissage** (trabalho com base em uma imagem em papel amassado) e **rollage** (em que tiras de motivos variados são cortadas e reunidas em novos padrões). Tudo isso foi criado em uma época obscura, e eu

André Hellmeister | Ano: 2022 | Projeto Gráfico e ilustrações | Edições Sesc

fiquei maravilhado. Se é para falar de influência, **Kolár** certamente é uma das maiores.

Sempre gostei de trabalhar com o desenho das letras (não sou type designer), mas sempre admirei as formas visuais, curvas e retas, riquíssimas, e desconstruí-las. Total influência do trabalho do meu pai e de meus amigos tipógrafos.

Paris | Ano: 2024 | Colagem sobre tela | Exposição Collage Experience Studio Pop

Além das letras, estou gostando muito dos mapas físicos. Eles têm história, formas e estilos gráficos que vão do técnico ao lúdico, são veias de fluxo visuais, cores, parecem um raio X do planeta. Hoje em dia, perdemos um pouco o uso dos mapas físicos por conta dos aplicativos de localização, mas quando vejo um mapa físico, ele dá uma dimensão muito maior do entorno, te incita à curiosidade e investigação. Hoje estou explorando bastante esse tema.

Não sei se me considero um artista, em sua abordagem mais pragmática. O design gráfico, as artes visuais, a colagem tudo entra num balaio só. Ouvi em uma palestra do **Stefan Sagmeister** que "Beleza é felicidade", sigo um pouco nessa linha, buscando algo esteticamente interessante, que pode ter algum significado, um conceito, uma mensagem ou não, mas tento atingir a harmonia visual. Primeiro a gente faz para a gente, depois vai para o mundo.

SBC | Como é seu processo de trabalho? Como uma ideia se transforma em uma obra de arte acabada? Há temas específicos que você gosta de explorar, alguma narrativa que busca transmitir ao fazer uma colagem ou sua intenção é criar formas esteticamente bem elaboradas?

AH | Como trabalhei muito com publicidade e design gráfico, sempre tive um problema a resolver, um briefing. Isso torna o processo criativo mais direcionado. Quando se trabalha sem um briefing, ele tem que vir de dentro: da nossa formação, da intuição, da investigação. A partir daí,

"Primeiro a gente faz para a gente, depois vai para o mundo."

Ilustração para revista "29 Horas" | Ano: 2020
Colagem sobre pepel

Ilustração do cartaz "Projeto B" | Ano: 2022
Colagem sobre pepel

é preciso criar um briefing interno, estabelecer um padrão, uma personalidade. Isso leva tempo, envolve muitos experimentos, dedicação e até sofrimento.

Algumas vezes é um processo puramente visual, e busco o equilíbrio e a beleza, muita tentativa e erro, às vezes começo pelo óbvio para depois descartar. Outras vezes me inspiro por um tema, um material ou um assunto que está na minha cabeça. Outras vezes é encomenda mesmo, uma ilustração, capa de livro ou um cartaz que mesclam os processos mais disciplinados e criativos.

Quando é pertinente, a colagem é uma opção de linguagem em meus trabalhos de design e também um exercício criativo constante. Ilustro mensalmente uma coluna de revista (sim, elas ainda existem), capas de livro e capas de álbuns para streaming. Quando o design e a colagem se encaixam, o resultado do trabalho fica ainda mais "saboroso".

Projeto gráfico para o "Inspira Sesc SP" | Ano: 2020 | Colagem sobre papel

Sobrevoo | Ano: 2024 | Colagem sobre tela
Exposição Collage Experience
Studio Pop

Crepe | Ano: 2024
Colagem sobre cartão e cera de abelha
Exposição Collage Experience | Studio Pop

Fragmentos tipográficos | Ano: 2020
Colagem e massa corrida sobre compensado naval

assista
o artista contando tudo sobre a obra que ilustra nossa capa.

Encontre o André aqui

- Mini doc rasga r / r einventar
- Tablóide da exposição “Cota zero”
- André Hellmeister

Dicas de

Kike Congrains

(...) O tipo de imagem que utilizo define o caminho para o tipo de colagem que farei.

Parto de uma imagem central e vou adicionando imagens que conversem com a peça principal. Procuro usar imagens esquecidas (...)

https://congrains.pe/

@canson_city

Verborreah
Ano: 2022
Colagem Analógica

Seleção de material

Possivelmente, as revistas mais utilizadas no mundo da colagem são a **National Geographic** e a **Life Magazine**, que são uma excelente fonte de imagens para começar, mas acabam dando as colagens um visual mais homogêneo. Eu procuro usar todo tipo de material e revistas. **O tipo de imagem que utilizo define o caminho para o tipo de colagem que farei.** Se eu usar uma enciclopédia de arte clássica, o resultado será uma colagem completamente diferente do que se eu usar imagens de um mangá japonês.

Imagens e Composição

Eu uso poucas imagens no meu trabalho. Não faço colagens "Frankenstein", mas **parto de uma imagem central e vou adicionando imagens que conversem** com a peça principal. Procuro usar imagens esquecidas, descartadas, que não estejam no imaginário popular. **Utilizo cartolina como um recurso compositivo**, criando círculos e outras formas geométricas **para complementar** as imagens e, assim, **evitar sobrecarregar** a composição com mais recortes.

2

Pope
Ano: 2019
Colagem Analógica

Owl
Ano: 2021
Colagem Analógica

3

Fundos e Suportes

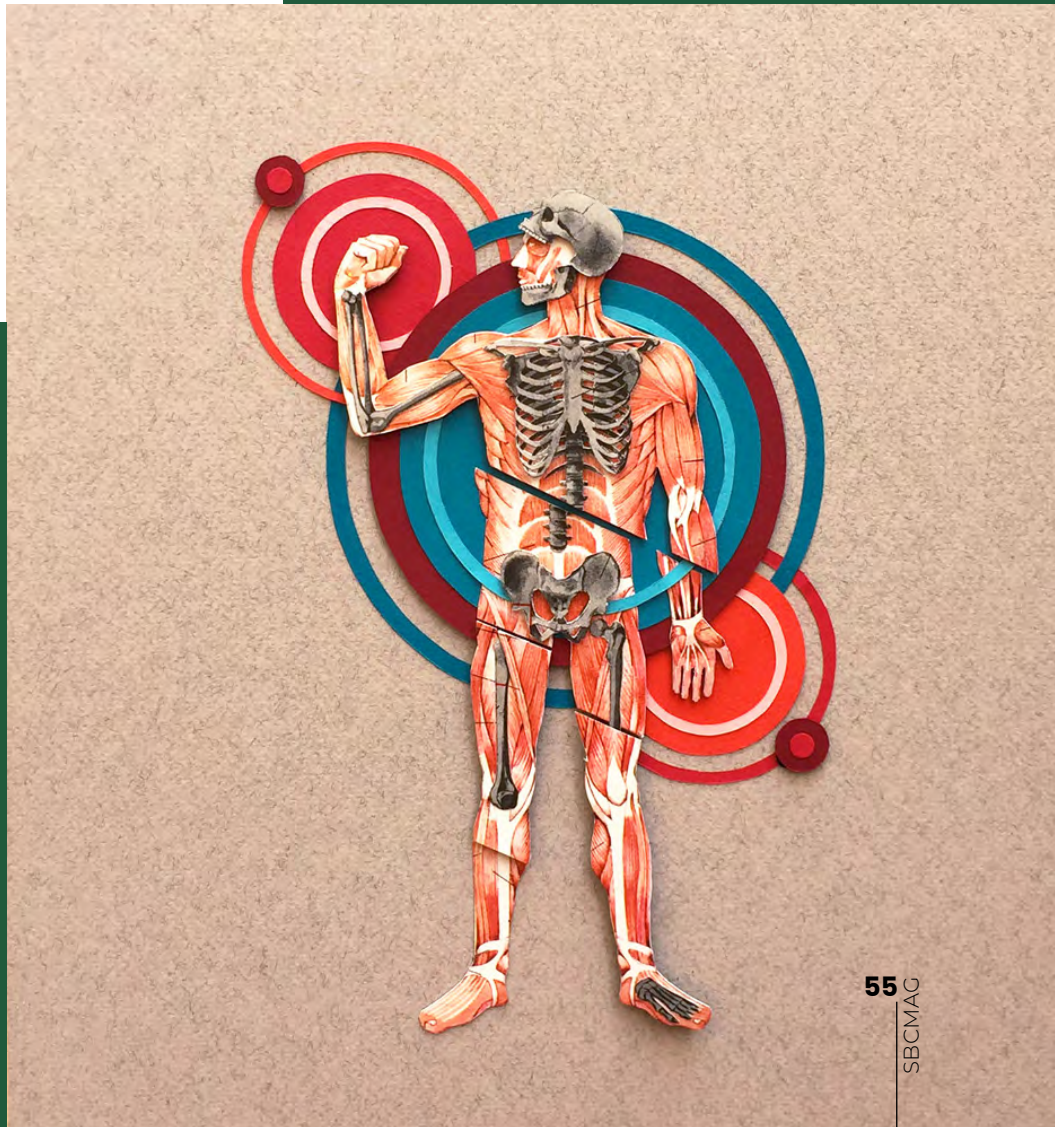
Cartolina para tudo. Todas as minhas imagens são coladas primeiro sobre cartolina, e depois recortadas. Os fundos são sempre cartolinas de cores sólidas, que contrastam com as cores da peça central e não roubam o protagonismo. **Cores terrosas funcionam muito bem para mim**. Nunca uso fundos brancos, pois emitem luz demais. **Depois de finalizada a colagem, coloco-a sobre papelão de maquete de 1 mm para garantir um suporte sólido.**

4

Skelos
Ano: 2019
Colagem Analógica

Tempo

O tempo é variável, mas **procuro dedicar pelo menos uma semana a cada colagem.** A pior coisa que um artista pode fazer é apressar seu processo para agradar a um algoritmo; coisas boas levam tempo e muita prática.



Nazikiller
Ano: 2021
Colagem Analógica

Ancon
Ano: 2022
Colagem Analógica

Conference
Colagem Analógica

Corpus
Ano: 2016
Colagem Analógica

Kike Congrains participou de diversas exposições coletivas e individuais em muitos países, incluindo **Noruega, Argentina, Escócia, Peru, Espanha e Ucrânia,** entre outros. Realizou palestras no **Kolaj Fest** 2018 e 2019 em Nova Orleans e recebeu a bolsa **Kolaj Institute Fellowship** em 2020. Foi jurado no **Contemporary Collage Magazine Awards** 2023. É curador da **Collage Wave** (@collagewave) uma rede de divulgação de colagens, e fundador da **Collage Academy**, uma plataforma para aprendizado e pesquisa sobre colagens. Atualmente reside em Barcelona.

Encontre o Kike aqui:

- **Never Gallery Ready**
- **516 Arts**
- **Kolaj Magazine**

Samuel Eller entrevista

Anna Klos

SE | Olá Anna Klos, sou o Samuel Eller, designer gráfico e colagista brasileiro, e também professor do curso de graduação em Design da FUMEC. Fui convidado pela SBC Mag, a revista criada pela Sociedade Brasileira de Colagem, para conversar um pouco com você sobre sua trajetória como artista colagista e professora de design e, também, sobre seu processo criativo em collage e design. Agradeço a oportunidade de poder manter esse diálogo com você que tem uma trajetória fascinante.

Para iniciarmos nossa conversa, gostaria que você se apresentasse e nos contasse brevemente como foi que decidiu pela carreira de designer gráfico e como se deu o seu encontro com a arte da collage?

AK | Olá Samuel, muito obrigada pelo convite. É uma honra para mim conceder uma entrevista para a **SBC Mag** por seu intermédio. Desde muito jovem me interessei por design gráfico, pois frequentei um colégio de artes em Varsóvia. Depois estudei na **Academia Europeia de Artes**, onde tive contato com a arte da collage. Fiquei profundamente impressionada com as obras de **Kurt Schwitters** que vi no **Museu de Arte Moderna** em Łódź, assim como com as obras do coletivo artístico esloveno **Neue Slowenische Kunst** em uma exposição retrospectiva no Centro de **Arte Contemporânea** nos anos 90. Foi então que comecei a criar minhas primeiras collages e art-zines.

SE | Sabemos que é professora de um curso de Design Gráfico em Varsóvia e que sua pesquisa de doutorado, cujo título é "Collage Dadaísta como inspiração para minha arte" faz um estudo sobre como a collage, em específico a collage dadaísta, influencia diretamente o seu processo

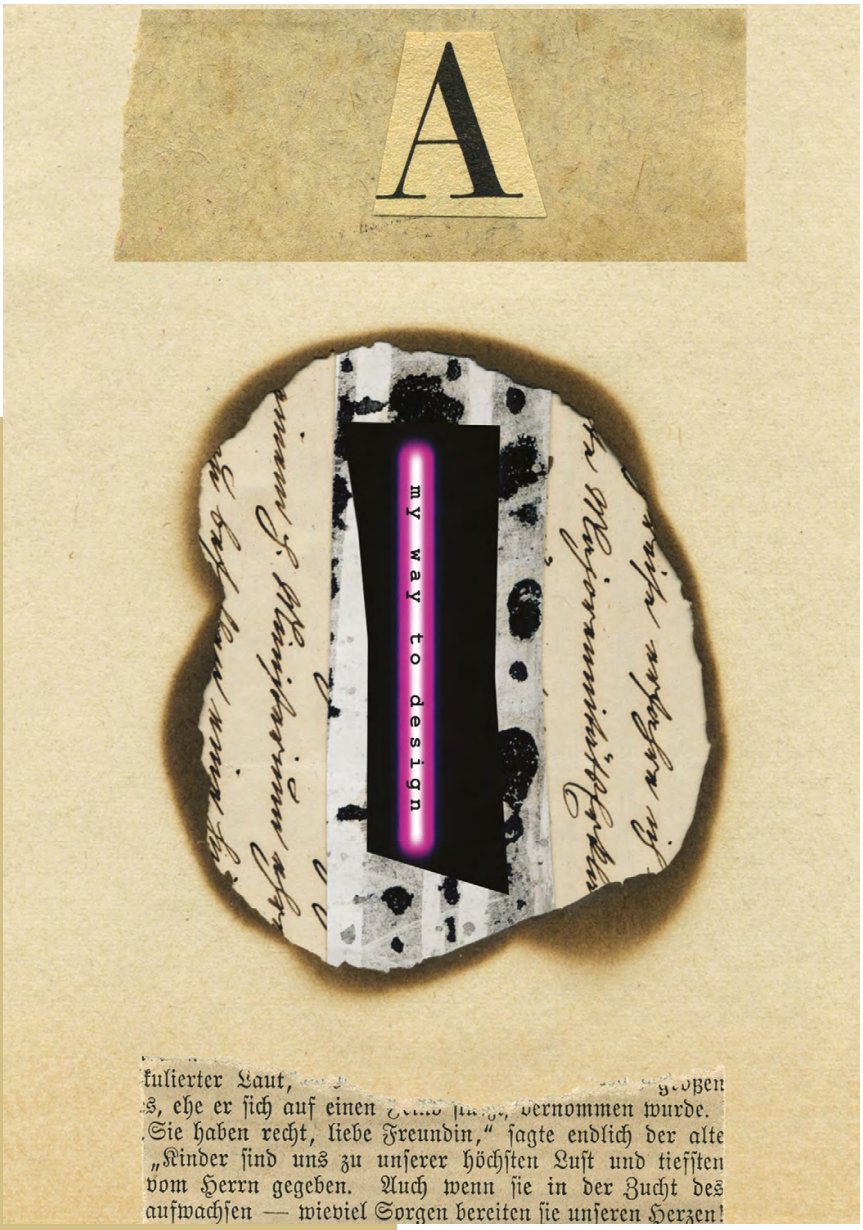
Anna Klos

criativo como designer. Sobre essa questão, eu gostaria de lhe fazer duas perguntas:

Poderia nos contar um pouco sobre essa sua experiência de criar, como designer, tendo como influência o legado dos movimentos e/ou artistas modernistas?

Como vê a importância da arte da collage para um estudante de design gráfico? Em que medida esta arte pode contribuir para o seu desenvolvimento e formação profissional, e de que maneira ela pode potencializar os seus processos criativos?

AK | Sempre me interessei pela arte de vanguarda dos anos 20. Simplesmente gosto disso. A Polônia tem ricas tradições nesse campo, em parte graças ao trabalho de **Władysław Strzemiński**, que manteve contatos com a vanguarda europeia. É importante lembrar que a arte de vanguarda não é apenas collage, mas também inclui tipografia notável, design de livros, publicidade e revistas. Acredito que alguns dos melhores designs, que usamos até hoje, surgiram naquela época. Meus professores, o **Prof. Julian Pałka** e **Wojciech Freudenreich**, também valorizavam muito esse período da arte. Tive longas discussões com eles, e acho que isso também influenciou meu desenvolvimento e percepção da arte.



Way of Design | Ano: 2023

Tanto a collage analógica quanto a digital têm ampla aplicação no design gráfico, que é o que ensino. A collage pode ser o elemento principal de uma capa de livro, capa de disco ou até mesmo um rótulo de vinho. Há muito de collage no design gráfico. Hoje, na era da inteligência artificial, é mais interessante criar collages analógicas (feitas à mão), e depois escanear e processar na pós-produção e preparação para impressão.

SE | Eu penso que a collage é um tipo de arte que, de fato, nos faz pensar o que é a arte. Para você, a collage é uma arte do questionamento e da provocação?

AK | Claro. Mas estamos falando de collage como uma obra de arte autônoma, e não de collage para publicidade

ou decoração comercial. As collages no espírito do Dadaísmo terão um caráter mais provocativo. Aquelas inspirados no Surrealismo costumam ser menos provocativas e mais melancólicas – é assim que eu descreveria. A questão é que existem diferentes tipos de collage.

SE | **Pude verificar em seu portfólio publicado no site Retrovanguarda Gallery (link ao final da entrevista), que seus trabalhos trazem a essência dos artistas das vanguardas europeias e do construtivismo russo. São obras que demonstram um olhar apurado, intimista, cheios de delicadeza e minucias táteis, poesia colada em forma de design gráfico. Sabemos que no período modernista, em específico o Dadaísmo, os objetos do cotidiano eram expostos como arte, esvaziados de seus significados por deslocamentos de sentido. O objeto assumia - e ainda assume - a possibilidade de ser outra coisa que não ele mesmo, longe da função utilitária para a qual foi criado. Desde então, cada vez mais coisas e acontecimentos se amalgamam no conceito do que é fazer arte, a collage inclusive. Nesta perspectiva, para você, a collage contemporânea ainda carrega esse discurso, ou ela está, nesse momento, a serviço de uma catarse social?**

AK | A collage envolve, entre outras coisas, colocar objetos e imagens familiares em contextos surpreendentes, muitas vezes absurdos. Esse procedimento abre novas vias de interpretação, tira o espectador da letargia e provoca reflexão.

Avangarda | Ano: 2020

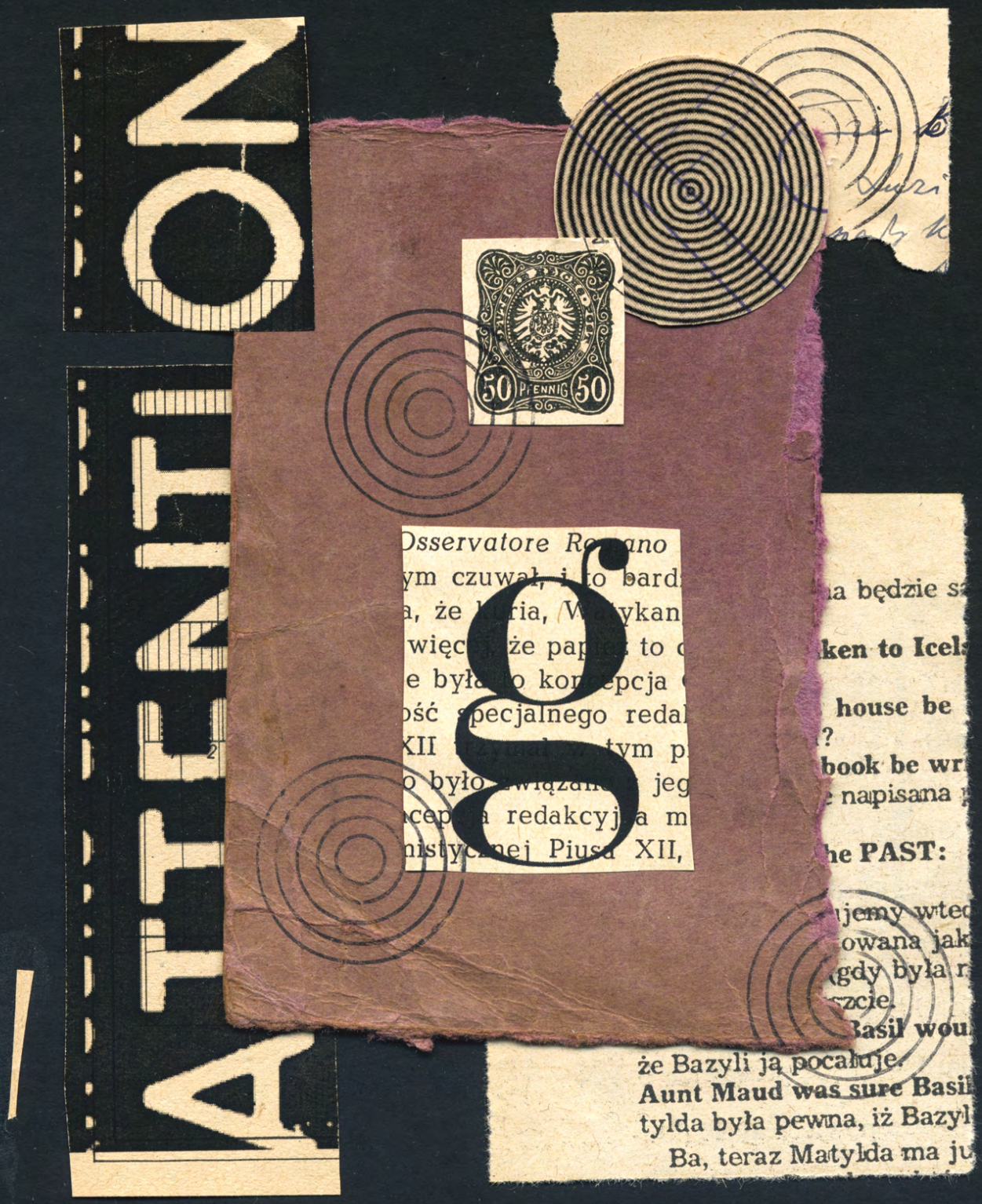
O elemento de acaso, absurdo e surpresa era uma ferramenta usada pelos dadaístas. Esse método é característico da collage e oferece possibilidades infinitas de configuração.

SE | **Ernst Billgren diz que, aparentemente, o conceito de arte se extinguiu na década de 60, mas que, talvez, nós ainda não nos acostumamos com isso. A collage, desde os movimentos modernistas, faz aparições entusiastas. Percebo que ela esteve muito presente, conduzindo os processos criativos, em áreas distintas da criação, nas últimas duas décadas. E durante a pandemia do Covid-19 a collage parece ter sido a arte mais presente e praticada, pelo menos a mais propalada nas redes sociais.**

Para você, qual mistério é esse que a collage traz consigo que em cada época a faz renascer, feito Fênix, e se reinventar?

AK | A collage pode ser reinventada em qualquer época e assumir diferentes formas, assim como a pintura de paisagens ou a de naturezas-mortas. Tudo depende do artista, seu talento e sensibilidade.

"As collages no espírito do Dadaísmo terão um caráter mais provocativo."


ATTENTION
50 PFENNIG 50
Osservatore Romano
że Bazyli ją pocałuje.
Aunt Maud was sure Basil
tylda była pewna, iż Bazyl
Ba, teraz Matylda ma ju

Como **Strzemiński** costumava dizer, não se deve confundir criatividade com mera reprodução. Você mencionou a onda de collage nas redes sociais durante a pandemia. Acredito que este seja um exemplo negativo de reprodução, de imitação de certos padrões. Na minha opinião, a maioria dessas criações não tem nada a ver com verdadeira criatividade. Elas são mais uma forma de decoração.

SE | **Para mim a collage é uma arte que nos conecta a um desejo incansável e interminável de criar. Vejo que, a partir do Surrealismo e, precisamente, do pensamento "isolado" de Kurt Schwitters, e pela collage Merz que ele fazia, que a collage é uma arte que demanda tempo - o devir da criação -, para que os fragmentos de imagens, textos e outros materiais, por meio de recortes, sejam encontrados, recolhidos, e, diria também ressuscitados, para que seja dado a eles uma nova função de uso e de linguagem.**

Você considera a collage uma arte que renova o olhar, aguça a percepção de quem cria, e que nos condiciona na busca de uma imagem/ fragmento ainda não vista e ressignificá-la?

AK | Para mim a collage é de fato uma arte de ressurreição. Envolve atribuir significado a coisas triviais, negligenciadas, não percebidas. Também é uma tentativa de parar o tempo, de preservar memórias das pessoas, sentimentos e emoções. Há um elemento de magia e mistério nisso. Esse aspecto realmente me atrai.

SE | **Na minha experiência ao acompanhar vários artistas collagistas e também muitos coletivos de collage nas redes sociais, percebo que, o fato de terem diferentes nacionalidades e culturas, não é determinante para que os referenciais estéticos, o tipo de material disponível e usado para fazer collage, traga algo original.**

"...não se pode confundir criatividade com mera reprodução."

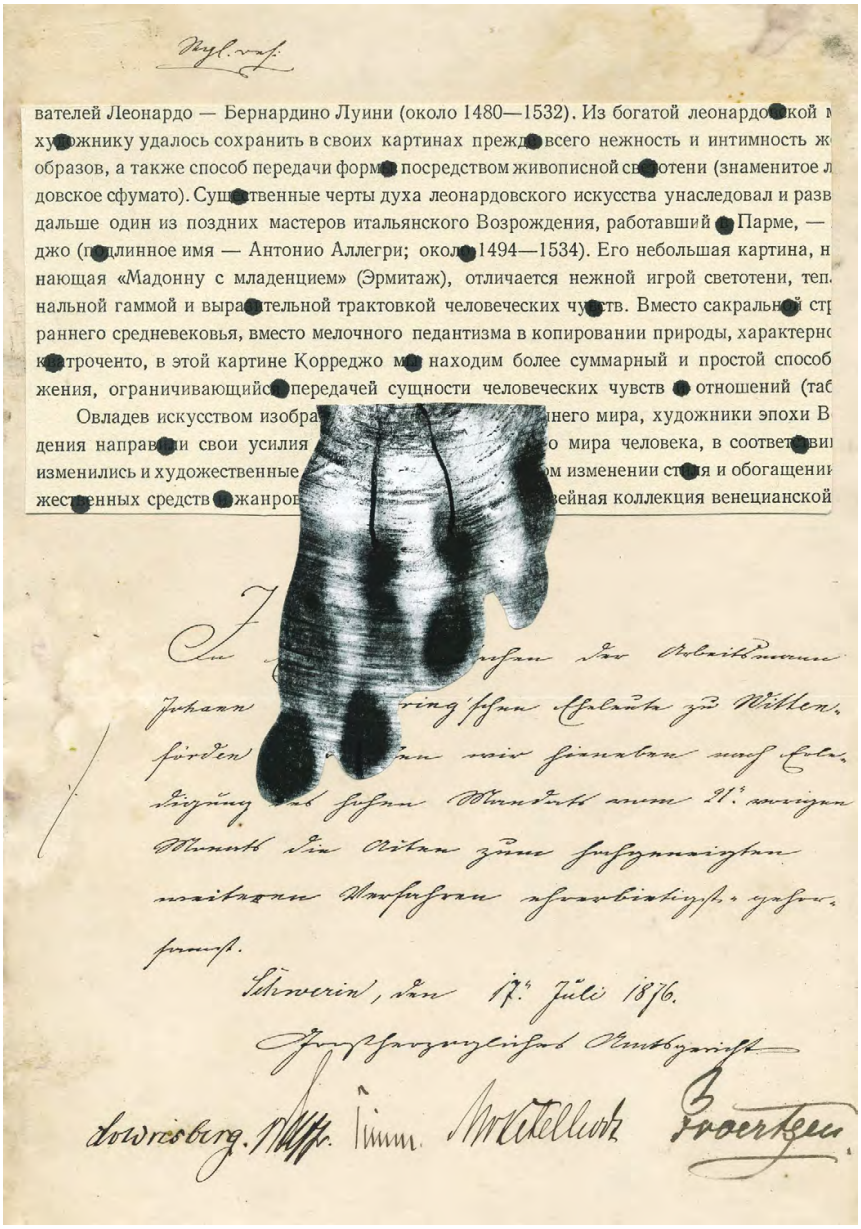
Avangarda | Ano: 2020

Tenho a impressão de que todos nós estamos usando o mesmo banco de imagens. De forma geral, e isso não é uma regra, colagistas atuais procuram desenvolver uma linguagem própria, que imprima identidade em sua arte. Noto que temos um 'tsunami' de produção de collages, mas também tenho a impressão de que o que se cria atualmente é apenas "mais do mesmo" com técnicas, materiais imagéticos, linguagens e estilos que influenciam repetições criativas. São raros os artistas colagistas que se diferenciam, ao buscarem um lugar não confortável para fazer collage.

Para você a mensagem ou a narrativa é mais importante que inventar ou propor novas linguagens, conduzidas por acasos e espontaneidade poéticas, na criação da collage?

AK | Como você sabe, organizei três grandes edições de uma exposição internacional de collage. Isso me permitiu analisar diferentes tipos de collage de várias partes do mundo. Conheci o trabalho de muitos artistas que se dedicam a collage, incluindo profissionais e mestres que desenvolveram estilos únicos. No trabalho deles também é possível reconhecer inspirações locais, a influência da cultura dos países de onde vêm. Conheci artistas maravilhosos do Japão, da Guatemala e também do Brasil. Mas há, claro, artistas que tratam a collage superficialmente, como uma técnica simples, uma combinação de "imagens bonitas" no Photoshop. E essa é a onda de tsunami que você mencionou.

SE | **Kandinsk dizia que: "Cada época recebe sua própria dose de liberdade artística, e nem mesmo o mais criativo dos gênios consegue transpor as fronteiras dessa liberdade". A originalidade era um dos quesitos, ou qualidade, mais valorizado no Modernismo. Todas as produções deste período são consideradas inovadoras em algum sentido. Por outro**


вателей Леонардо — Бернардино Луини (около 1480—1532). Из богатой леонардовской м
художнику удалось сохранить в своих картинах прежде всего нежность и интимность ж
образов, а также способ передачи формы посредством живописной светотени (знаменитое л
довское сфумато). Существенные черты духа леонардовского искусства унаследовал и разв
дальше один из поздних мастеров итальянского Возрождения, работавший в Парме, —
джо (подлинное имя — Антонио Аллегри; около 1494—1534). Его небольшая картина, н
нающая «Мадонну с младенцием» (Эрмитаж), отличается нежной игрой светотени, теп
нальной гаммой и выразительной трактовкой человеческих чувств. Вместо сакральной стр
раннего средневековья, вместо мелочного педантизма в копировании природы, характерно
кватроченто, в этой картине Корреджо мы находим более суммарный и простой способ
жения, ограничивающийся передачей сущности человеческих чувств и отношений (таб
Овладев искусством изобра него мира, художники эпохи В
дения направили свои усилия о мира человека, в соответ
изменились и художественные м изменении ст я и обогащени
жественных средств жанро ейная коллекция венецианской

Dots | Ano: 2022

lado, percebo que a collage contemporânea desconhece o sentido nonsense - o acaso e espontaneidade - da collage Dadaísta, pois está imersa num intencionalismo ideológico e em narrativas atuais, quase sempre superficiais, ou já saturadas e desgastadas.

Para você qual a importância em criar algo completamente novo? É possível que isso ainda aconteça? Há alguma importância em diferenciar a arte da collage de uma geração para outra?

AK | Se o artista for sincero no que faz e olhar profundamente para dentro de si mesmo, sua obra será original.

SE | Somos criaturas de grupos e somos moldados pelos grupos de afinidades que nos aproxima daqueles que gostaríamos de ser. A relação que existia entre alguns artistas Modernistas era de provocação, ao mesmo tempo em que se desprezavam, também se influenciavam, se encorajavam e se desafiavam. Me parece que nessa conturbada relação de convivência e troca em busca da criação nasciam os estilos e linguagens inovadores.

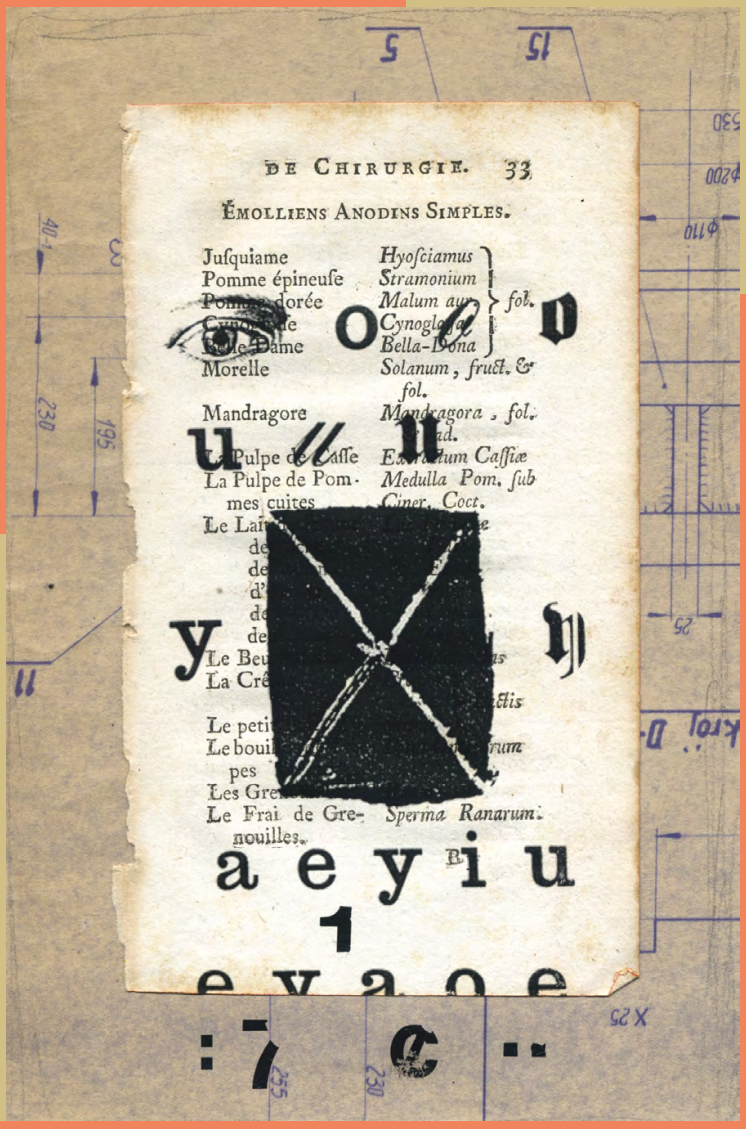
O que você diria para quem tem se dedicado à arte da collage, ou para aqueles que querem iniciar nessa arte?

AK | Acredito que a collage oferece enormes possibilidades criativas e a oportunidade de uma expressão pessoal subjetiva. No entanto é uma técnica muito desafiadora e não é para todos. Acho que quem está considerando fazer collage deve primeiro se familiarizar com técnicas tradicionais de desenho, pintura e impressão.

SE | Duchamp dizia que era melhor um pintor ser influenciado por um escritor, do que por outro pintor. Ele próprio buscava suas influências em outros lugares não tão familiares ao da pintura, como: viagens, teatro, cronofotografia, literatura e ciências exatas, entre outros.

Quais são os lugares, não prováveis, por onde você tem levado seus olhos para passear, perceber e recolher influências para a sua arte de fazer collage?

AK | Duchamp estava certo. Cada um tem, sem dúvida, um conjunto diferente de



Eye | Ano: 2023

inspirações. No meu caso, a música desempenha um papel significativo.

SE | David Salle alerta que devemos nos libertar da natureza restritiva da representação e expressar o inexprimível. Comenta que os artistas, desde os modernistas aos artistas abstratos, todos estavam brigando para se livrar da figuração. Há um desprendimento quase que total na collage Merz, de Kurt Schwitters, pois ela não se dedica ao figurativo, não há uma mensagem imediata a ser lida - dispensa a obviedade e literalidade -, parece estar a serviço de uma poesia tátil, parece se conectar com outros sentidos além de nos permitir contemplar apenas com os olhos.

Para você, por que a collage ainda se prende tanto a ter um elemento pictórico como tema central, e, quase numa totalidade, todas collages atuais parecem ainda girar em torno da figura humana? Essa é uma condição essencial para se fazer collage? Porque ainda a collage contemporânea não se libertou disso?

AK | Isso não se aplica apenas a collage. É um tema muito mais amplo relacionado à habilidade de se afastar do realismo e da figuração em favor do simbolismo e da abstração. De modo geral, acho que o problema está com o público médio de arte. A arte realista e figurativa é simplesmente mais fácil de compreender. Mas não se deve simplificar e generalizar. Pessoalmente, gosto muito de abstração, mas não quero afirmar sua superioridade sobre a arte figurativa. Existem, sem dúvida, exemplos muito bons de arte figurativa, o que se aplica a diferentes técnicas e estilos, incluindo a collage.

"... se o artista for sincero no que faz e olhar profundamente para dentro de si mesmo, sua obra será original."

Typography – Window to the World | Ano: 2019
Menção honrosa no 5° Concurso Internacional de Pôsteres, Museu da Tipografia, Chania, Grécia

SE | Por fim, para encerramos nossa conversa/entrevista, como professor às vezes preciso falar/explicar sobre uma determinada obra ou artista, para meus alunos, e recorro a publicações que fazem uma análise daquela obra, que nem sempre é a verdade de quem a criou e sim a leitura ou interpretação já comentada e contaminada de versões e traduções anteriores. Mas como colagista, ou aquele que cria, às vezes tenho muita curiosidade em saber qual era a verdade daquele artista/colagista, eu queria poder sentar com ele para saber de fato a sua verdade sobre tal obra. Sendo assim, gostaria que você escolhesse uma de suas colagens e nos relatasse a 'verdade' dessa collage, o que ela diz, nos descreva quais conceitos e circunstâncias a levaram a criá-la?

AK | '**Typography – Window to the World**', collage, 2019.

(Menção Honrosa no 5th Concurso Internacional de Cartazes (International Poster Contest), Museum of Typography, Chania, Greece).

O pano de fundo da collage é um fragmento de um desenho técnico do meu pai, que era engenheiro e tinha uma bela caligrafia. A cor roxa é o efeito da reprodução do projeto em uma máquina de blueprint. Era uma técnica antiga de impressão usada em escritórios de design. O principal elemento desta collage é um envelope velho e vazio que encontrei em uma gaveta da família, pertencente à minha avó. Não sei o que havia originalmente no envelope, mas ele deve ter contido algo, como evidenciam os sinais de abertura. De qualquer forma, o envelope vazio convida a colocar algo novo dentro dele. Coloquei o título da exposição competitiva "Typography – Window to the World" e enviei o projeto para a Grécia. O projeto recebeu uma menção honrosa. Este trabalho tornou-se parte da coleção permanente no **Museu de Chania**. Então, uma parte de mim, e até uma parte do meu pai e da minha avó, ficaram lá. É aí que está a magia da collage.

Muito obrigada!

Referências bibliográficas:

BARTHES, Roland. A morte do autor. In: O Rumor da Língua. São Paulo: Brasiliense, 1988.

BILLGREN, Ernst. What is art and 100 other very important questions. Bokförlaget Langenskiöld, 2010.

BLACK, Holly. Artists on art. Orion Publishing CO. United Kingdom, 2022.

DUCHAMP, Marcel. "O ato criador" In: BATTCOCK, Gregory. A Nova Arte. São Paulo: Perspectiva (coleção Debates), 1986, p.72-74. [original do artigo de Duchamp: 1957].

DUCHAMP, Marcel. The writings of Marcel Duchamp. Nova York, Oxford Press, 1973.

GULLAR, Ferreira. "O quadro e o objeto" in Argumentação contra a Morte da Arte. São Paulo: Revan, 1977.

GOMPERTZ, Will. Como os artistas veem o mundo. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

GOMPERTZ, Will. Isso é arte? 150 anos de arte moderna do impressionismo até hoje; tradução Maria Luiza X. de A. Borges; [revisão técnica: Bruno Moreschi]. - 1ª Ed. - Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

KOREN, Leonard. O que fazem os artistas. Editora Cobogó, 2021.

SALLE, David. How to see: Looking, Talking, and Thinking about Art. W. W. Norton & Company, 2016.

TOMKINS, Calvin. Marcel Duchamp: uma biografia. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

Encontre Anna aqui:

Retroavangarda

Instagram @retroavangarda

Facebook @retroavangarda

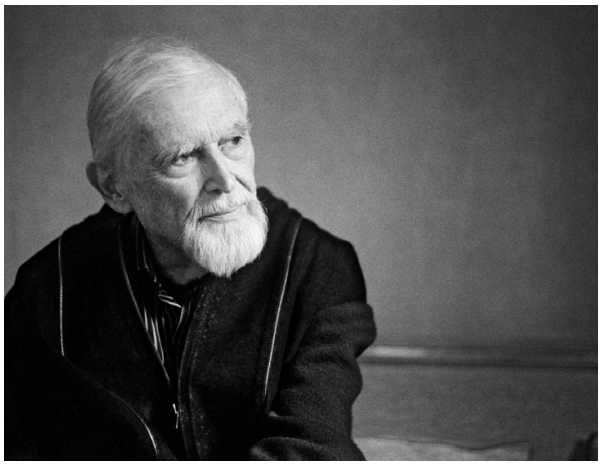
Bruno Barnabé

Sergio Lima, a collage e 100 anos do surrealismo

Uma homenagem a Sergio Lima

O tempo, esse artífice invisível, tece suas tramas com fios de surpresa e melancolia. **Sergio Lima** foi e continuará sendo uma porta-relâmpago no multiverso da poesia e da collage. Ainda é desconcertante referir-se a ele no passado. No início deste ano, nossas mentes se entrelaçavam em experiências lúdicas e conversas profundas, tecendo planos que ansiavam por concretude na marcação dos **100 anos da publicação do manifesto surrealista.** Em maio, **sonhávamos e planejávamos uma exposição em Portugal.** Nos encontramos em seu apartamento, passamos horas conversando sobre a viagem e a programação na cidade do Porto. Contudo, o final de julho trouxe consigo o véu da ausência, levando **Sergio** para a esfera transcendental. Eu não poderia saber que

Patrick Lepetit, Yoan Armand Gil e Miguel de Carvalho na Fundação Cupertino de Mirando em outubro de 2024.



Sergio Lima - poeta, artista plástico e pensador brasileiro, considerado o maior especialista em Surrealismo no Brasil.

aquela tarde seria o nosso último encontro. A abertura da exposição na **Casa de Cultura de Paredes** aconteceu e, de certo modo, estivemos juntos, conectados pelo fio invisível da práxis surrealista e do *image-work,* como ele costumava dizer.

Exposição evocativa do Centenário do Manifesto do Surrealista.

Biblioteca de Mário Cesariny acervo Fundação Cupertino de Miranda.

"Discutir a imagem é discutir a realidade (...) a imagem não quer dizer, ela é."

Caderno de anotações de Cruzeiro Seixas, acervo Fundação Cupertino de Miranda.

Rik Lina e Seixas Peixoto no Ateliê Initimidades em Coimbra, outubro 2024.

Discutir a imagem é discutir a realidade. Esta era a premissa central do seminário **"A Imagem como Conhecimento",** concebido por **Sergio Lima** e presente em seu livro **"Collage: textos sobre a re-utilização dos resíduos (impressos) do registro fotográfico em nova superfície" (Massao Ohno, 1984).** Para **Sergio,** a **collage não é somente uma técnica artística, mas um exercício de conjugação da realidade, onde os fragmentos do mundo se**

Beba o jardim das delicias, ma chaire | 28-2-1969
collage | 45 x 21cm

reorganizam sob o rigor do desejo e da imaginação, revelando novas dimensões do ser e do sentir. Da mesma forma que o poeta usa as palavras, o colagista se utiliza das figuras em seu fazer imagético, ou seja, na collage esses signos são como verbos. A realidade é então conjugada para além das fronteiras da linguagem textual ou narrativa. Assim, em sua compreensão, "a imagem não quer dizer, ela é."

Hoje, quando a collage é reconhecida no Brasil como uma exaltação amorosa e poética por grandes artistas, muito se deve ao incansável trabalho de divulgação e aprofundamento da compreensão da collage como linguagem pessoal e lírica desenvolvido por **Sergio**. Residualmente, como propõe Flávio de Carvalho em seu livro **"Os ossos do mundo" (Antiqua, 1966),** a dedicação de **Sergio** a essa linguagem permeia o fazer da collage em diferentes ateliês, estúdios e quartos, ainda que esses artistas jamais tenham lido uma página de seu trabalho.

Em 1967, **Sergio Lima, Leila Ferraz e Paulo Paranaguá** foram responsáveis pela organização da **XIII Exposição Internacional do Surrealismo,** a primeira no Brasil, mesmo diante das adversidades políticas que quase silenciaram o evento. Originalmente planejada para acontecer no **MASP,** a exposição foi transferida para a **FAAP,** graças aos esforços de **Flávio de Carvalho.** Publicaram uma revista-catálogo do evento intitulada **"A Phala",** colocando a collage como assunto e questionando o espaço estético presente na arte modernista brasileira que, sabidamente, boicotava o surrealismo como somente mais um estrangeirismo.

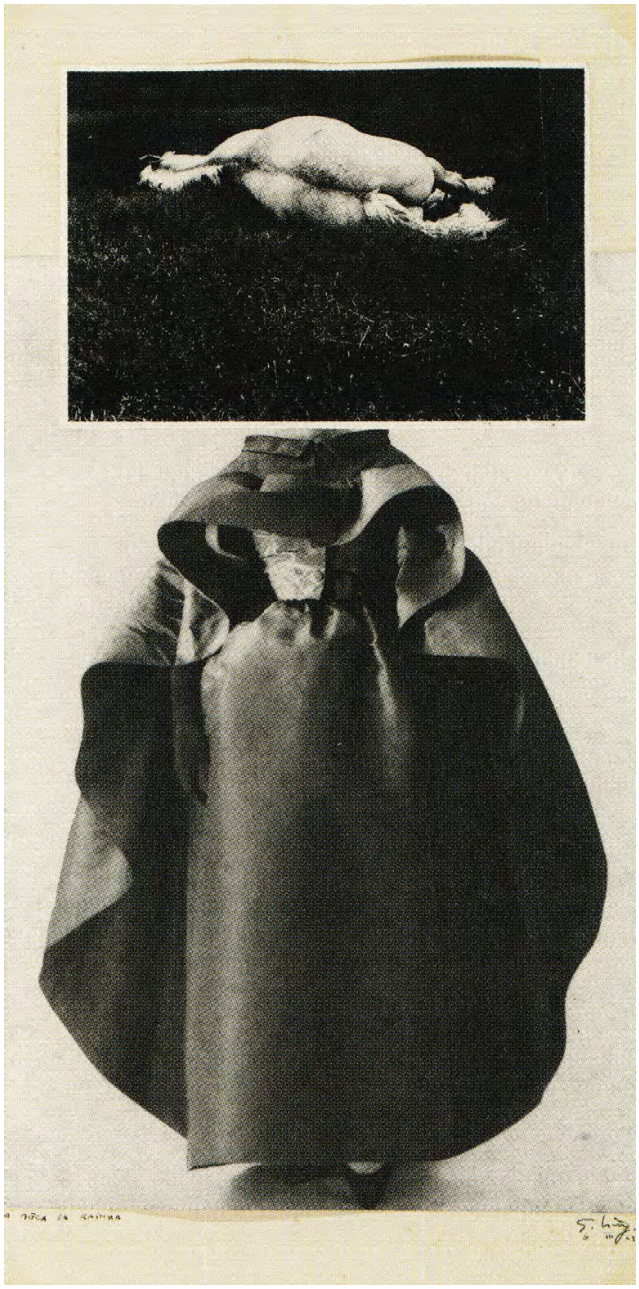
Sergio encontrou figuras emblemáticas como **Benjamin Péret, Mário Cesariny, Osório César, Maria Martins** e o próprio **André Breton,** marcando a presença do movimento surrealista em território brasileiro. Seu trabalho não se acomoda em entendimentos fáceis ou confortáveis. Desafia, provoca e convida à transgressão dos limites estabelecidos pela academia e pelo circuito oficial das artes. A proximidade com a magia e as sociedades herméticas confere a ele uma aura de mistério e profundidade, como, por exemplo, em seu livro **"O Corpo significa" (Parma, 1983),** que explora vocabulários e símbolos que revelam camadas profundas de significado e compreensão, além das leituras superficiais do texto. Esses entendimentos são conhecidos por contrastarem

com a visão pós-moderna da linguagem, mas isso resulta de uma discordância consciente, e não de ignorância sobre essas concepções.

Em **“Collage: textos sobre a re-utilização dos resíduos (impressos) do registro fotográfico em nova superfície”, Sergio** organiza os textos em três blocos: histórico e depoimentos, reproduções de 1919 a 1979 e reflexões sobre a collage como linguagem. Em um dos capítulos, ele estabelece um diálogo intenso com **Vilém Flusser,** abordando temas como terminologia, superfície, material, recorte, psicanálise, semiótica e o fazer da collage.

Sua obra também ressoa com a perspectiva de **Octavio Paz,** que vê o surrealismo como um “diálogo de poesias” e uma “pluralidade de mundos”. **Sergio** sempre entendeu o surrealismo como um fazer, ou seja, uma práxis, não como um fenômeno restrito ao contexto europeu, mas como uma rede global de práticas artísticas e literárias. Através de sua obra monumental, **“A Aventura Surrealista” (Parma, 1982),** dividida em quatro tomos, ele detalhou com

Les prémonitions | 1-4-1968
collage | 41 x 20cm

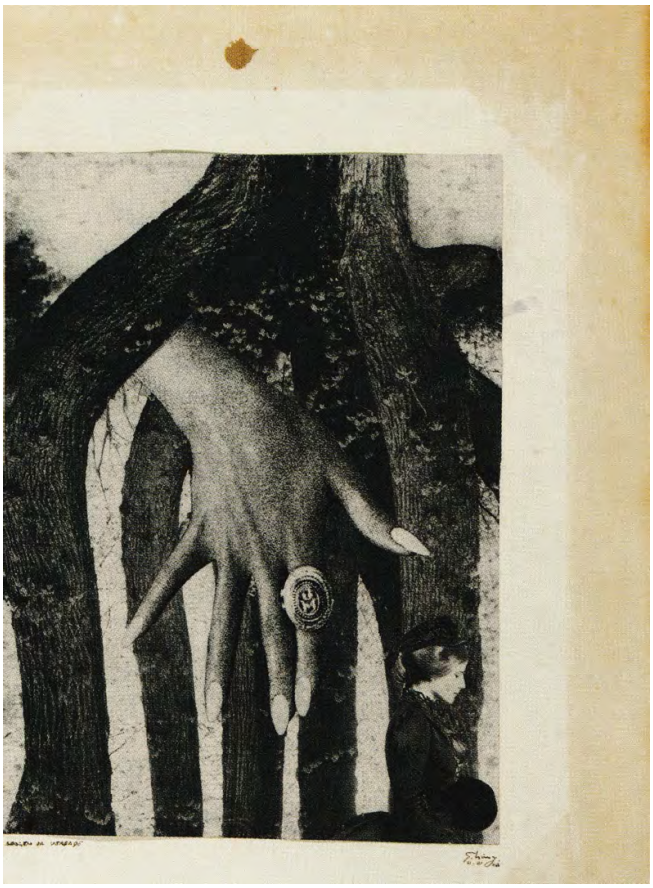


A boca da Rainha | 3 - 8 -1968
collage | 42 x 21cm

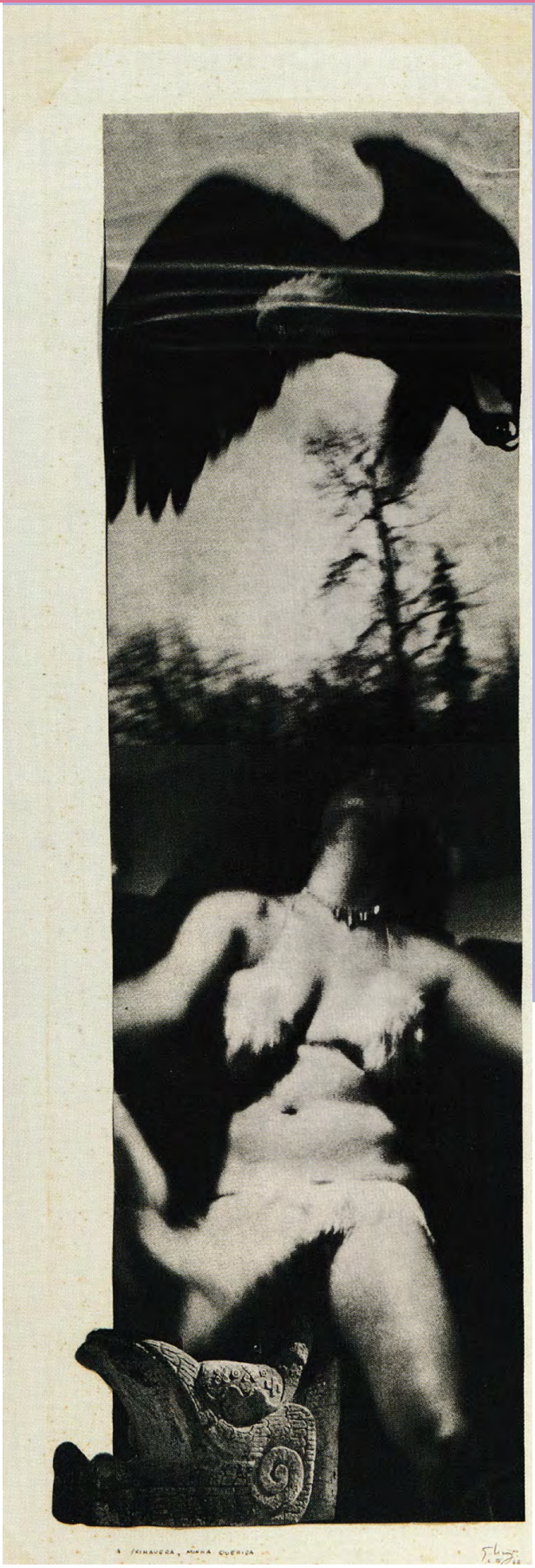
Les vermeilles à | 13 - 7 -1998
collage | 67 x 24cm

profundidade a interação entre o surrealismo e as tradições artísticas de diversos países. Cada tomo oferece uma análise aprofundada das influências surrealistas e sua adaptação em contextos culturais diversos, destacando como o surrealismo foi reinterpretado e incorporado ao redor do mundo.

Sergio argumenta que a collage, enquanto expressão plástica, é uma extensão da pintura, mas com uma diferença crucial: enquanto a pintura convencional poderia se restringir a formas e cores dentro de limites puramente estéticos, a collage desafia essas fronteiras e adentra um espaço de revelação poética e erótica. **Paul Éluard,** um pilar do surrealismo, sublinha que matéria, movimento, necessidade e desejo são inseparáveis, formando a base da iluminação amorosa que transcende limitações lógicas e sociais. A collage, portanto, é uma manifestação de um conhecimento mais profundo e intuitivo, não se limitando à repre-



A primavera, minha querida - 1 | 1 - 4 -1968
collage | 67 x 24cm



A aragem da verdade | 11 - 4 -1968
collage | 33 x 23cm

sentação convencional, mas buscando uma forma de expressão pessoal e universal, sim, novamente na contramão da pós-modernidade.

Sergio Lima, com sua visão singular e coragem, deixou um mapa para aqueles dispostos a aventurar-se pelos labirintos da imaginação. Seu legado permanece vivo, pulsando nas interseções entre palavra e imagem, sonho e vigília, realidade e mais-realidade. Ao nos aproximarmos de sua obra, somos lembrados de que a arte, em sua essência mais profunda, é um mergulho contínuo ao desconhecido, uma jornada sem fim rumo ao coração do mistério que nos constitui. Preservar e aprofundar o conhecimento construído e revelado por ele é um convite a todos que veem na collage uma linguagem de transformação e descoberta, uma ferramenta valiosa para repensar nossa relação com o mundo exterior e interior. “Collage é poesia”, dizia ele, em seu sentido mais visceral, Sergio nos fez, faz e continuará fazendo ver.

Bruno Barnabé | Inverno de 2024

Referências Bibliográficas

Revista “A Phala”. Catálogo da 13ª Exposição Internacional do Surrealismo, 1967, São Paulo.

Lima, Sergio. O corpo significa. 1ª ed., São Paulo: Edart São Paulo Livraria Editora Lda., 1976.

Lima, Sergio. Collage: textos sobre a re-utilização dos resíduos (Impressos) do registro fotográfico em nova superfície. São Paulo: Massao Ohno, 1984.

Lima, Sergio. A Aventura Surrealista, Tomo 1. 1ª ed., São Paulo: Editora Unesp, 1995.

Lima, Sergio. A Aventura Surrealista, Tomo 2. 1ª ed., São Paulo: Edusp, 2010.

Lima, Sergio. O Rasgo Absoluto. Portugal: DSO, 2016.

Lima, Sergio. Notas acerca do movimento surrealista no Brasil. In: Löwy, Michael. A Estrela da Manhã. São Paulo: Boitempo, 2018, p.121-155.

Bruno Barnabé

Nascido em Indaiatuba, São Paulo, **Bruno Barnabé** é colagista, educador, pai de gêmeos, jardineiro amador e professor de inglês. É através da collage que ele materializa suas pesquisas epistemológicas, sobrepondo resíduos gráficos e fotográficos que encontra por acaso em suas derivas pelo mundo. Seu trabalho se fundamenta principalmente em questões de antropologia e fenomenologia da imagem, pensamento analógico, a imagem como conhecimento e Surrealismo.

@bruno.barnabe

"Para Sergio, a collage não é somente uma técnica artística, mas um exercício de conjugação da realidade... "

Espaço Publicitário

Primeira galeria de arte especializada em colagem, a Galeria Recorte completa 10 anos combinando arte e expressão em um espaço plural, que inclui um ateliê de arte e um salão de cabeleireiros.

Nesses 10 anos, a Recorte apresentou exposições, individuais e coletivas, de colagistas que são referência na área e de artistas que ainda estão despontando no mercado.
Mais do que uma galeria de arte ou um salão de cabeleireiros, a Recorte é um espaço dirigido por mulheres, que têm um compromisso com a resistência cultural, a diversidade e a sustentabilidade.

Venha nos visitar!

@GaleriaRecorte
Rua Augusta, 829 - Consolação
São Paulo - SP
WhatsApp: (11) 98200-0805

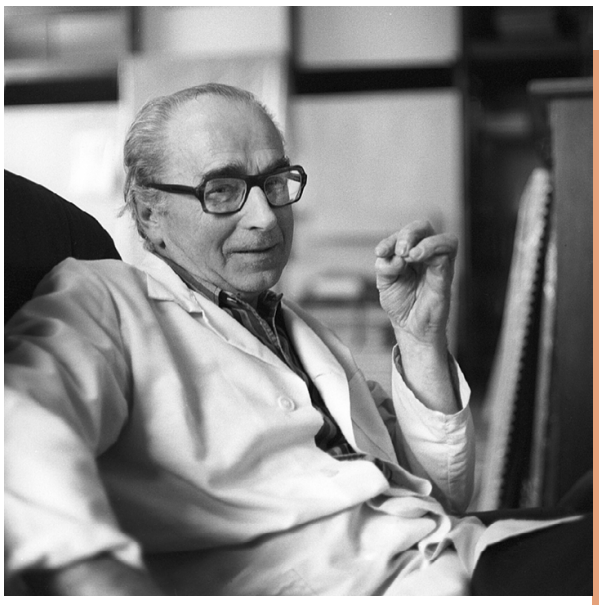
GALERIA RECORTE

@BARBARASCARAMBONE
A confusão vem em cores (2020)
Tinta acrílica, aquarela, raspagem e colagem sobre papelão
(48x32cm)

Mauricio Planel

A arte visionária de Jiří Kolář: pioneiro da colagem e poeta visual

Jiří Kolář, um nome que ressoa profundamente no mundo da arte moderna, foi um artista tcheco cuja contribuição para a colagem e poesia visual deixou uma marca indelével no século XX. Nascido em 24 de setembro de 1914 em Protivín, na então Tchecoslováquia, **Kolář** viveu uma vida marcada por desafios políticos, exílio e uma busca incessante por inovação artística.



Jiří Kolář - 1979
foto Hanna Hamplová

Primeiros anos e formação

Filho de um carpinteiro, **Jiří Kolář** inicialmente trabalhou como operário antes de se aventurar no mundo artístico. Sua formação autodidata reflete a natureza autodeterminada de sua carreira. Nos anos 1930, **Kolář** se envolveu com movimentos artísticos e literários, estabelecendo conexões com outros artistas e escritores que influenciariam profundamente sua obra.

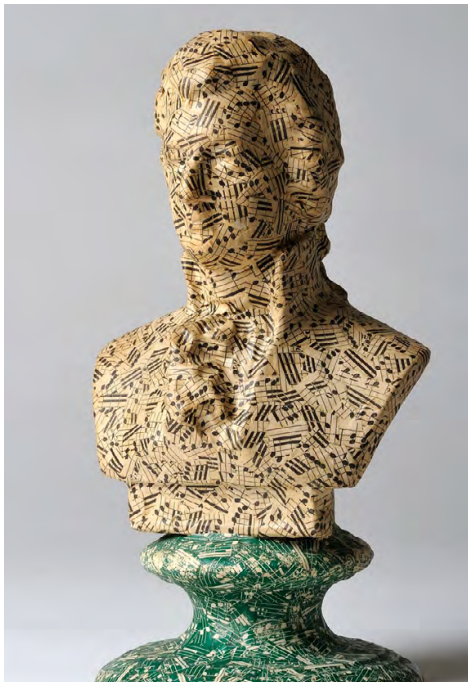
A ascensão no mundo da arte

A década de 1940 marcou um período de intensa produção para **Kolář .** Ele começou a experimentar colagens, técnica que se tornaria sua assinatura. Sua abordagem inovadora combinava elementos de pintura, fotografia e texto, criando composições que desafiavam as convenções tradicionais da arte. **Kolář** se destacou por suas colagens poéticas, onde fragmentos de textos e imagens eram reorganizados para criar novas narrativas visuais e literárias.

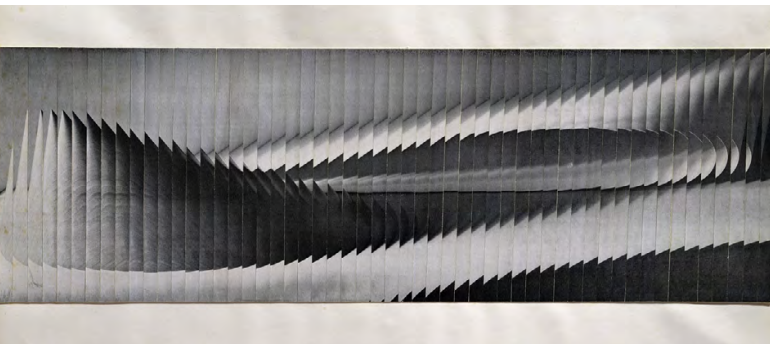
Estilos de colagem e inovações

Jiří Kolář desenvolveu diversas técnicas de colagem ao longo de sua carreira, cada uma com características únicas e inovadoras:

Chiasmage: Consiste em rasgar ou cortar trechos de páginas de livros antigos ou novos, impressos em vários idiomas e fontes diferentes.



Rollage: Envolve um processo mais "matemático" e repetitivo de corte e recomposição onde alterna tiras de duas imagens, combinando-as em uma estrutura fragmentada e sobreposta que gera novos sentidos.



Prollage: Uma variação da rollage. Organiza tiras de imagens em um fluxo contínuo, criando uma fusão visual que sugere transições e mensagens ocultas.

Frottage: Técnica de fricção, onde texturas e padrões eram criados esfregando um material sobre uma superfície texturizada, resultando em efeitos visuais únicos.

Confrontage: Combinação de imagens contrastantes que, quando colocadas lado a lado, criavam um diálogo visual e conceitual.

Conflito e exílio

O cenário político da Tchecoslováquia pós-guerra teve um impacto profundo na vida de **Kolář**. Em 1950, ele foi preso por atividades consideradas subversivas pelo regime comunista, passando quase um ano na prisão. Após a Primavera de Praga em 1968, a invasão soviética forçou **Kolář** ao exílio. Ele se estabeleceu em Paris, onde continuou a desenvolver sua arte e a ganhar reconhecimento internacional.

Contribuições artísticas e legado

Jiří Kolář é amplamente reconhecido por suas inovações no campo da colagem. Suas obras não se limitavam a meras justaposições de imagens; elas eram reconfigurações meticulosas que criavam novas significações. Suas séries famosas, como **Chiasmage** e **Rollages**, exemplificam sua habilidade em transformar elementos cotidianos em arte de vanguarda.

Além de suas colagens, **Kolář** também foi um poeta prolífico. Sua poesia visual, muitas vezes entrelaçada com suas colagens, explorava temas de linguagem, identidade e existência. Ele publicou vários livros que mesclavam texto e imagem, desafiando as fronteiras entre literatura e arte visual.

Reconhecimento e Influência

Ao longo de sua carreira, **Kolář** recebeu diversos prêmios e honrarias, incluindo a **Medalha de Mérito da República Tcheca.** Suas obras foram exibidas em importantes galerias e museus ao redor do mundo, consolidando seu status como um dos artistas mais inovadores do século XX.

Em 2017, o Instituto **Tomie Ohtake,** em São Paulo, realizou uma exposição retrospectiva dedicada à obra de **Jiří Kolář**. Intitulada **As descobertas de Jiří Kolář: Colagem e experimentação**, a exposição apresentou uma vasta seleção de suas colagens, poemas visuais e experimentos gráficos. A mostra ofereceu ao público brasileiro uma oportunidade única de explorar a riqueza e a diversidade da produção artística de **Kolář**, destacando sua capacidade de transformar materiais comuns em arte extraordinária.

Photo: (@MZV) - www.mzv.gov.cz

Legado duradouro

Jiří Kolář faleceu em 11 de agosto de 2002, mas seu legado continua a inspirar artistas e críticos. Sua capacidade de transformar materiais comuns em arte extraordinária e sua exploração incessante das possibilidades da colagem lhe garantem um lugar ímpar na história da arte. **Kolář** não apenas ampliou os limites do que a colagem poderia ser, mas também desafiou as noções tradicionais de arte e literatura, abrindo novos caminhos para futuras gerações de artistas.

Hoje, a obra de **Jiří Kolář** é celebrada em retrospectivas e exposições ao redor do mundo, um testemunho da sua genialidade e impacto duradouro na cultura visual contemporânea. Seu trabalho continua a ser uma fonte de inspiração, lembrando-nos do poder transformador da arte.

Espaço Publicitário

Cleide Messi

Conservação de obras com suporte em papel

Colagem: Marcia Albuquerque

A **SBC** convidou **Cleide Messi** para falar um pouco sobre os processos de conservação de obras de arte cujo suporte e elemento predominante seja o papel, como é o caso das colagens. Uma observação importante assinalada durante nosso debate em torno do tema é que todo o artista tem liberdade total na busca e uso de materiais para sua arte. Caberá sempre aos profissionais de conservação e preservação acharem as soluções de tratamento para a melhor conservação das obras de arte. No entanto, adquirir boas práticas que ajudem a melhor conservar nossos trabalhos é um conhecimento importante, tendo em mente que nunca deverá ser restritivo ou impeditivo para qualquer criação.

Conservação de obras com suporte em papel

Conservar tem por finalidade assegurar a longevidade de um acervo ou obra individual, tanto do ponto de vista de seu conteúdo (arte, informação), como de seu suporte (papel). Dessa forma, um trabalho de conservação permanente nos locais de guarda de materiais à base de celulose, deve ser realizado através do controle de **umidade** e **temperatura, iluminação** adequada, manutenção, **limpeza** periódica do espaço físico e utilização de materiais usados para intervenção e **guarda** adequados e de boa qualidade.

Na arte da colagem, bem como na arte contemporânea em geral, esses cuidados se tornam ainda mais desafiadores e necessários, uma vez que a diversidade de técnicas aplicadas, as variadas características de papel utilizados e as distintas filosofias na criação de uma obra exigem observação e análise criteriosa dos tipos de materiais empregados visando sempre garantir uma sobrevida maior à obra de arte em questão.

Não se trata de tolher a criatividade do artista, limitando-o ao uso apenas de materiais de alta qualidade, papéis alcalinos e pigmentos de boa procedência, que nem sempre vão expressar aquilo que o artista tem em mente. **Na arte da colagem, por exemplo, muitas vezes os artistas fazem uso de recortes** de jornais, papéis antigos, fragmentos de fotografias, materiais metálicos, **entre tantos outros que no momento da criação de uma obra traduzem o significado de sua busca.**

A intenção é prolongar o tempo de vida útil de sua criação, possibilitando ao artista ter conhecimentos básicos dos processos degradativos que afetam materiais a base de celulose. Dessa maneira ele estará apto a atuar no reconhecimento desses danos e poderá

interceder, minimizando e neutralisando tais processos, de maneira a desenvolver condições para preservar a permanência de suas obras.

Sobre danos e cuidados

Ação da luz

Embora com muita frequência não possamos eliminar totalmente os processos de deterioração que atingem os papéis, com toda certeza podemos diminuir consideravelmente seu ritmo, através de cuidados com o ambiente, manuseio correto, intervenções possíveis e higiene periódica dos locais de guarda.

O papel é material sensível à luz e sua incidência direta afeta sobremaneira sua constituição. A luz, natural ou artificial é um tipo de radiação eletromagnética capaz de fragilizar os materiais constitutivos dos documentos ou obras sobre papel, induzindo a um processo de envelhecimento acelerado.

A incidência direta da luz solar sobre uma obra esmaece ou faz desaparecer totalmente os pigmentos e alguns textos escritos. Na celulose também afeta o suporte, oxidando-o e deixando-o com aspecto ressecado e amarelecido.

Para amenizar esses processos degradativos, **recomenda-se uma iluminação de intensidade máxima de até 100 lux, ou manter o ambiente com um nível de luz o mais baixo possível.** As janelas devem receber cortinas, persianas ou brises soleils, que bloqueiem totalmente a luz do sol quando necessário.

Umidade relativa e Temperatura

Em um ambiente onde não existe um controle mínimo de umidade e **temperatura**, os agentes de degradação da celulose se instalam e se fortalecem. O calor e a umidade juntos, contribuem significativamente para a degradação de materiais em papel. O desequilíbrio de um interfere no equilíbrio do outro.

A temperatura elevada acelera os processos degradativos provenientes da acidez depositada no papel, tornando-os frágeis e quebradiços.

Na presença de **umidade relativa (UR) baixa (40%) a resistência mecânica dos papéis fica comprometida,** pois internamente as fibras sofrerão uma contração, que deixarão os papéis quebradiços ao longo do tempo.

No caso de **umidade relativa (UR) alta (acima de 65%) as fibras sofrem uma distensão** que propicia, além do aparecimento de microrganismos, a geração de ácido sulfúrico, pela reação entre a alta temperatura e umidade e o dióxido de enxofre presente na atmosfera.

O controle da UR pode ser realizado através do uso contínuo de desumidificadores de ar, especialmente em regiões com oscilações bruscas de umidade relativa.

Deve-se buscar, sempre que possível, pela estabilidade. É preferível se manter o ambiente em equilíbrio estável e constante, ainda

que não esteja dentro do padrão ideal do que submeter o ambiente a mudanças bruscas.

Uma boa e constante circulação de ar, juntamente com o uso de cortinas e persianas nas janelas, para amenizar o efeito das altas temperaturas, representam um **fator bastante importante na busca de um controle caseiro,** digamos assim, de ambientes que se prestam a guardar materiais em celulose.

Poluição Atmosférica

O controle da qualidade do ar é igualmente importante dentro de um programa de conservação. Os poluentes presentes na atmosfera, como gases e partículas sólidas, contribuem fortemente para várias causas de danos encontrados nos suportes em papel, como pontos de oxidação e sujidades de superfície. Dessa forma se recomenda proteger minimamente os papéis de uma exposição prolongada, fazendo uso de mapotecas ou caixas telescópicas, como ambiente protegido para a guarda de papéis, couros, fotografias e afins. **Recomenda-se que tanto as mapotecas quanto as caixas sejam periodicamente abertas e seus diversos materiais manuseados,** a fim de se promover uma aeração entre estes materiais.

Agentes Biológicos

Insetos como baratas, brocas, traças e cupins, são agentes biológicos nocivos em acervos em papel e tem sua presença garantida em ambientes inadequados de guarda desse tipo de material. O conforto ambiental favorável à ação de insetos se traduz em temperatura e umidade relativa elevadas, aliadas a pouca ventilação de ar e falta de higienização periódicas, tanto do ambiente quanto dos materiais. Deve-se evitar também fazer refeições ou ter guloseimas no mesmo local que se presta à guarda de material a base de celulose, pois são fortes atrativos para insetos.

Considerações e indicações acerca dos materiais usados na arte da colagem

Papéis

Sempre que possível o artista deve priorizar o uso de papéis de boa qualidade e de fibras longas, por resultar numa estrutura de maior durabilidade para a confecção de sua obra, quais sejam: desenhos, aquarelas, técnicas mistas ou colagens. O mesmo raciocínio se aplica ao passe-partout, recomendado para qualquer moldura onde o suporte da arte seja em papel. O uso do passe-partout garantirá um afastamento mínimo do vidro, evitando que sua capacidade higroscópica faça contato direto com a obra. E o ideal para o fechamento do verso da moldura é fazer uso de um material denominado comercialmente como foam bord (prancha de poliestireno com revestimento de papel alcalino), disponível em boas molduraria comerciais. Este material, além de sua principal característica (alcalinidade), também tem a vantagem de ser muito mais leve do que outros tipos de fechamento disponíveis no mercado e vão cumprir o papel de proteção da obra emoldurada.

A Cola

A **cola branca PVA,** apesar de muito utilizada por ter uma secagem rápida e duradoura, possui um pH ácido que pode trazer acidez para os papéis, além de ser considerada irreversível. Outros tipos de colas e adesivos a base de amido consistem em fortes **atrativos a insetos e fungos,** o que também é prejudicial ao suporte.

É recomendável o uso de colas à base de metil celulose. Sendo um adesivo químico neutro, fungicida e bactericida, estável à luz, não tóxico e inodoro, não se presta como alimento. Além disso, sua solubilidade em água, assegura a reversibilidade de qualquer trabalho.

Caso na confecção da colagem haja inscrições com tintas ou pigmentos solúveis, o artista deve fazer uso de uma **espátula térmica (ou mini ferro de passar),** pois tendo sua diluição em água sua secagem é lenta e gradual.

A cola de metil celulose se encontra facilmente em casas de venda de produtos químicos, denominada como **carboximetilcelulose.**

A Água

O ferro e o cobre são fortes agentes catalisadores da degradação da celulose. A água, portanto, não deve ser um agente de adição externa desses metais. Para tanto, recomenda-se o uso de água deionizada ou destilada (esta última encontrada facilmente em drogaria comum), para procedimentos como aplanamento de folhas e obras e na diluição de cola metil celulose.

Ações possíveis na conservação de papéis - Pequenas intervenções que conferem grandes resultados

A Limpeza

• **Piso** - A forma mais eficiente e a de quada de limpeza do piso é com aspirador de pó. Os solventes ou ceras não são recomendados. Deve-se evitar o uso de água, pois sua interferência desequilibra a umidade relativa do ambiente.

• **Estantes** - As estantes também podem ser limpas com aspirador de pó, seguido de uma solução de água e álcool a 70% (encontrado em drogarias), passada com uma flanela seca, seguida de outro pano seco.

Higienização do suporte

· **Limpeza mecânica** -Tem por objetivo, a remoção de sujidades superficiais, como pontos de oxidação, dejetos de insetos e pontos de poeira que se acumulam na superfície do suporte ao longo do tempo, na forma de cristais sólidos. Deve-se realizar esse processo sobre uma superfície plana, com a peça a ser higienizada acomodada sobre um papel de apoio, fazendo uso de luvas de látex. Os resíduos devem ser removidos integralmente.

· **Método a seco**

- **Trincha** - Com auxílio de um pincel ou trincha de cerdas macias, eliminar as sujidades, "varrendo-as" de dentro para fora (do operador para fora). Realizar essa tarefa no verso e anverso da peça a ser limpa.

Figura 1

- **Borracha** - Fazer uso de pó de borracha (borracha TK plast branca ralada), aplicado diretamente sobre a folha de papel que se quer higienizar, com auxílio de uma "boneca" de algodão, pressionando levemente sobre o pó de borracha, em movimentos circulares. A depender da resistência das sujidades e do suporte fazer uso da própria borracha diretamente. A seguir remover da superfície do papel com uma trincha macia. Efetuar a limpeza do verso também.

Figura 2

- **Bisturi** - Utiliza-se um bisturi de cabo plástico (encontrado facilmente em casa de materiais dentários), para remoção de partículas sólidas, como pontos de oxidação e dejetos de insetos. Essa etapa da limpeza mecânica é mais abrasiva e tende a remover uma pequena partícula do suporte ao redor do ponto oxidado ou incrustado. Fazer uso do bisturi quase na vertical, garantindo que o seu uso não afetará uma área maior no entorno do ponto oxidado.

Figura 3

Planificação ou Aplanamento do Suporte

Caso os papéis eleitos para compor uma colagem estejam eventualmente com ondulações, ou mesmo amassados, com vincos ou dobras, e se deseja planificá-los, é necessário passar pela etapa de planificação ou aplanamento. Essa etapa consiste em umidificar levemente as folhas de papel (recortes, etc.) fazendo uso de um aspersor plástico com água destilada, verso e anverso da obra. Feito isso, acomodar as folhas entre papéis absorventes (tipo mata-borrão), encontrados em lojas como Casa do Restaurador ou mesmo Kalunga e deixá-las sob peso leve, placas de vidro, placas de madeira ou outro material rígido, por no mínimo 24 horas.

Figura 4

Recomendações para Guarda e Manuseio de Livros e Materiais com Suporte em Papel em Geral

Quer seja numa biblioteca particular ou local de guarda de materiais com suporte em papel, é sempre bom relembrar algumas precauções de uso, guarda e manuseio adequados, para prolongar o tempo de vida desses materiais e garantir que estejam aptos a serem utilizados para leitura, pesquisa ou na confecção de uma obra de arte como a colagem. Para tanto, se **recomenda a adoção de alguns procedimentos básicos que poderão contribuir significativamente para a conservação desse material:**

1. Manter as **mãos sempre limpas** e usar ambas as mãos para manusear gravuras, impressos, mapas, etc.

2. Documentos, gravuras, impressos antigos ou recentes, não devem ser acondicionados uns sobre os outros. É recomendável usar um **papel neutro de baixa gramatura intercalando-os,** pois, a composição química de um pode interagir com a de outro, pelo efeito de migração.

3. Não fazer refeições, beber ou fumar próximo a documentos, livros ou área de guarda de papéis, pois pode ser criado ambiente atrativo para insetos, além do risco de manchas irreversíveis.

4. **Evitar a guarda de documentos e/ou papéis em forma de rolos.** Acondicioná-los em envelopes de papel neutro (salto neutro de 65g ou papel cristal), preferencialmente em mapotecas ou gavetas.

5. **Evitar o uso de clips metálicos e grampeadores,** que invariavelmente acarretam no aparecimento de manchas de ferrugem. **Substituí-los por clips plásticos,** disponíveis no mercado. Entretanto, caso o uso de materiais metálicos seja necessário para a composição de uma obra, passar uma fina camada de esmalte de unha incolor para impermeabilizar os metais.

6. **Evitar o uso de elásticos de látex** para envolver documentos e/ou papéis pois a ação do tempo provoca instabilidade física e química favorecendo seu amolecimento, transformando-os em uma goma pegajosa. Substituí-los por cadarço de algodão.

7. **Evitar o uso de colas plásticas,** pois são irreversíveis e provocam manchas de difícil remoção. Cola de metil celulose é a melhor solução.

8. **Nunca usar fita adesiva** ("durex", fita crepe) para fazer qualquer tipo de reparo, pois estas favorecem a degradação do papel devido a seus componentes químicos. **Fazer uso de fitas filmoplast P 90** (Casa do Restaurador).

9. A limpeza de estantes e locais de guarda deverá ser feita com aspirador de pó e flanela com **álcool a 70%.**

10. É aconselhável o uso de verniz de poliuretano nos móveis de madeira que acondicionem materiais.

11. O material em bom estado de conservação deverá ser guardado separado daquele em mau estado.

12. **Evitar dobrar** documentos, pois os vincos dificilmente desaparecem do papel. Guardá-los em envelopes nas suas dimensões originais.

13. Não usar marcadores em livros e revistas, lembretes, etc., pois provocam acidez proveniente da má qualidade dos papéis utilizados para sua confecção.

14. Nunca usar saliva nos dedos para folhear papéis e livros, pois provoca-se acidez no local e se favorece o desenvolvimento de bactérias. Além disso, bactérias pré-existentes no livro podem entrar em contato com a boca do leitor.

15. **Não empilhar muitos livros na horizontal,** evitando assim uma sobrecarga na lombada, se necessário colocar uns sobre os outros, alternar a posição deles.

16. Volumes encadernados devem ficar sempre **dispostos na vertical.**

Cleide Messi cursou Arquitetura e urbanismo e fez pós-graduação em conservação e restauração de bens culturais móveis, especializando-se em papel.

Natural de Araraquara (São Paulo), viveu os últimos 30 anos no Rio Janeiro onde desenvolveu inúmeros trabalhos junto a artistas contemporâneos de renome internacional, tais como Helio Oiticica, Fayga Ostrower, Cildo Meirelles, Adriana Varejão, entre outros. Foi restauradora responsável pela recuperação de diversos acervos de obras de arte em papel para importantes instituições e empresas: Fundação Roberto Marinho, Funarte, Acervo Farmácia Granado, Acervo Brahma, Sítio Burle Marx, etc. Ministrou cursos e oficinas de restauração de livros e obras de arte na Fundação Casa de Rui Barbosa, MAC-USP e ABER-SENAI.

Luiz Eduardo Queiroz

Direitos Autorais na colagem

Assemblage: Fernanda Marchioro

A **SBC** realizou uma enquete no Instagram para identificar as principais **preocupações dos artistas de colagem em relação aos direitos autorais.** O tema é complexo e aberto a diferentes interpretações, assim como ocorre com a Lei n. 9.610/1998, a Lei dos Direitos Autorais.

Para aprofundar a discussão, a **SBC** convidou o advogado **Luiz Eduardo Queiroz, especialista em Propriedade Intelectual,** que se dispôs a esclarecer dúvidas levantadas por seguidores da **SBC** e por nosso núcleo gestor. Em uma conversa informal, o **Dr. Luiz** destacou que a lei não deve ser vista como um obstáculo à criatividade, mas sim como uma ferramenta que assegura o respeito às criações artísticas.

Durante o encontro, **Fernanda Marchioro,** membro da **SBC,** compartilhou uma experiência que ilustra os movimentos feitos pelos artistas e seus materiais visuais, em busca de uma autoria. Ao investigar a origem de uma fotografia, **Fernanda** viveu um episódio inesperado, que exemplifica como diferen-

tes caminhos podem ser abertos a partir da busca de uma autoria. Mais do que seguir a lei, a origem de uma imagem pode nos levar a descobertas surpreendentes. Essa história você irá conhecer logo depois da entrevista com o **Dr. Luiz Eduardo.**

A **SBC agradece** a participação de todos e espera que esta introdução ao tema ajude a esclarecer algumas dúvidas. O debate continua aberto para novas perguntas e discussões, com o intuito de ampliar o entendimento sobre os direitos autorais no universo da colagem.

SBC | **Qual a definição legal de Direito Autoral?**

LEQ | O **Direito Autoral** consiste no conjunto de normas a proteger as obras intelectuais, assim entendidas as artísticas, literárias, fotográficas e fonográficas, bem como os programas de computadores.

SBC | **Quais as diferenças entre Direito Autoral, Direito de Imagem e Direito Patrimonial?**

LEQ | O **Direito de Imagem** decorre dos direitos de personalidade. Consiste no direito que todo indivíduo possui de controlar o uso da sua imagem.

O **Direito Autoral** é conferido ao titular de uma obra artística, literária, fotográfica e sonora, ou de um programa de computador e tem por finalidade impedir o uso indevido.

O **Direito Patrimonial do Autor** é o resultado financeiro obtido a partir do uso de sua obra por ele ou terceiros.

SBC | **Quais desses direitos podem se aplicar à arte da colagem? E que tipo de direito poderia ser infringido e em que circunstância?**

LEQ | Os três podem ser infringidos, mas em menor escala o direito de imagem, pois nesse caso seria necessário o artista utilizar em seu trabalho uma imagem em que a pessoa fotografada não tenha dado autorização para tal e se reconheça na colagem.

SBC | **Quais elementos de uma obra original são protegidos por direitos autorais ao serem incorporados em uma colagem?**

LEQ | A autoria continua protegida. Tanto em seu efeito patrimonial, quanto no moral.

SBC | **Quais são os passos necessários para obter permissão para usar obras protegidas por direitos autorais em uma colagem?**

LEQ | Entendo que nem sempre é uma tarefa fácil, mas o ideal é a obtenção de autorização dos titulares das obras utilizadas, o que evita o pagamento de indenização por violação aos direitos patrimoniais e morais do autor.

SBC | **Existem diferenças nas leis de direito autoral para colagens criadas para fins comerciais versus colagens criadas para fins pessoais ou educacionais?**

LEQ | A lei em si não estabelece diferenças. No entanto, é usual que alguns artistas não cobrem royalties sobre suas obras para fins educacionais.

SBC | **Quais são as possíveis consequências legais para um artista que infringe direitos autorais ao criar colagens?**

LEQ | A infração a direitos autorais de terceiros pode gerar ao artista a proibição da exposição de sua obra, além da condenação ao pagamento de indenização por danos materiais e morais ao titular da obra utilizada sem autorização.

SBC | **Como um artista pode proteger suas próprias colagens de serem copiadas ou usadas sem permissão por outros?**

LEQ | Na medida em que a colagem é uma obra artística, deve ser arquivada perante a **Escola de Belas Artes.** No entanto, não se

trata de proteção, mas meio de provar quem primeiro criou a obra.

SBC | Quais são algumas das melhores práticas para garantir que uma colagem esteja em conformidade com as Leis de Direito Autoral?

LEQ | A melhor delas é obter a autorização do autor das obras utilizadas na colagem e dar o respectivo crédito em eventual exposição. Na impossibilidade de identificar o titular das obras, a minha sugestão é indicar a fonte de onde foi retirada e a respectiva data. Isso demonstra boa fé na tentativa de localizar o autor.

SBC | É preciso dar crédito a todas as imagens de uma colagem, mesmo que sejam fragmentos?

LEQ | É o ideal. Na impossibilidade, sugiro que informe a fonte e a data em que a imagem foi acessada.

SBC | Corre-se o risco de pagar direito autoral na colagem? Quando?

LEQ | Sim. Quando utilizadas imagens sem a autorização do respectivo titular.

SBC | Uma vez as imagens terem sido alteradas pelos recortes e composições, ainda há direitos autorais?

Sim! Importante destacar a necessidade de consentimento para a alteração das imagens, pois podem resultar na violação dos direitos morais do autor, acarretando o pagamento de indenização.

SBC | Em quais casos uma colagem pode ser considerada como plágio?

LEQ | Caso ela reproduza outra colagem e tenha fins econômicos.

SBC | Os bancos de imagens são 100% seguros para adquirir imagens, especialmente quando são disponibilizadas gratuitamente?

LEQ | Sinto informar que não são seguros. Já tive cliente que recebeu notificação por usar uma imagem disponível em banco pago. Importante que nas transações envolvendo bancos de imagem, estes apresentem o termo de cessão junto ao artista.

SBC | Os direitos sobre uso de imagens se aplicam quando a pessoa utiliza a inteligência artificial?

LEQ | Sim. Na verdade, a IA é meio utilizado pelo autor para a criação de sua obra artística.

SBC | Cite boas práticas que podem ser adotadas por colagistas para minimizar a possibilidade de problemas com Direito Autoral.

LEQ | 1. Obter o consentimento dos titulares das obras utilizadas na colagem;

2. Dar os créditos aos autores das imagens utilizadas;

3. Identificar a origem e a data das imagens quando de autoria desconhecida

SBC | O que são os Creative Commons e por que eles são importantes?

LEQ | A **Creative Commons** é uma organização internacional sem fins lucrativos que capacita as pessoas a desenvolver e sustentar os próprios bens comuns de conhecimento e cultura a partir do compartilhamento de obras artísticas, musicais e literárias de forma mais inclusiva e equânime, com menos restrições impostas pelo titular. São importantes por ajudarem na difusão do conhecimento e da cultura. As licenças em **Creative Commons** permitem que os autores especifiquem que seu trabalho possa ser usado de uma determinada maneira. Em geral, conteúdo do tipo **CC** não exige que você solicite permissão antecipada ou pague qualquer tipo de taxa de licenciamento ao autor.

SBC | Como dar crédito a um autor se a minha colagem é composta de vários pedaços de imagens?

LEQ | Nesse caso, minha sugestão é dar o crédito aos autores das principais imagens, aquelas que são passíveis de serem reconhecidas.

SBC | Além dos direitos autorais do fotógrafo também existem da pessoa fotografada? Isso se aplica para o uso de fotografias nas colagens?

LEQ | Sim. É o direito de imagem. Integra o rol dos direitos de personalidade. Compete a cada indivíduo zelar pela sua própria imagem. Nesse caso, o ideal é que o fotógrafo tenha e repasse a autorização da pessoa fotografada. Isso também deve ser observado nas transações envolvendo banco de imagens.

Conheça alguns casos em que artistas foram acionados judicialmente pelo uso indevido de fotos nas artes visuais e na colagem.

A esquerda, foto original. A direita, colagem

· Richard Prince vs. Patrick Cariou (2011)

Patrick Cariou, um fotógrafo francês, criou uma série de fotografias chamada **Yes Rasta,** que documentava a vida dos rastafáris na Jamaica. O artista **Richard Prince,** conhecido por apropriações controversas, utilizou essas fotografias em uma série de colagens sem a permissão de Cariou, alterando as imagens e combinando-as com outros elementos visuais-

Cariou processou **Prince** em 2008 por violação de direitos autorais. Em 2011, um tribunal decidiu a favor de **Cariou,** afirmando que **Prince** não havia transformado suficientemente as fotos para que o uso fosse considerado "justo". No entanto, após uma apelação, algumas das obras de **Prince** foram julgadas como transformativas e, portanto, protegidas pelo conceito de uso justo (fair use). Esse caso gerou debates sobre a linha tênue entre apropriação artística e violação de direitos autorais.

Shepard Fairey entre Barack Obana e a obra

· Shepard Fairey e a foto de Obama (2008)

O artista **Shepard Fairey,** famoso pelo pôster **Hope** de **Barack Obama,** criou uma das imagens mais icônicas da campanha presidencial de 2008. No entanto, essa obra gerou controvérsia quando foi revelado que Fairey utilizou uma fotografia tirada por **Mannie Garcia,** fotógrafo da **Associated Press (AP),** sem obter permissão. A **AP** processou **Fairey** por violação de direitos autorais, e o caso atraiu grande atenção por envolver uma imagem altamente sim-

bólica. **Fairey** inicialmente alegou que havia transformado a imagem de forma significativa, mas acabou admitindo que tentou ocultar evidências. O caso foi resolvido fora dos tribunais em um acordo financeiro, com ambos os lados colaborando na criação de uma fundação focada em direitos autorais de imagens. Esse episódio destaca as complexidades do uso de fotos jornalísticas em obras de arte.

Primeira foto, Art Roger. Segunda foto, Jeff Koons

· Jeff Koons vs. Art Rogers (1992)

Jeff Koons, um dos mais famosos artistas contemporâneos, foi processado pelo fotógrafo **Art Rogers** após utilizar uma das fotografias de **Rogers** sem permissão. **Rogers** havia tirado uma foto de um casal segurando vários cachorros, que **Koons** reproduziu em uma série de esculturas intitulada **String of Puppies. Koons** alegou que sua obra era uma paródia, transformando a imagem original de uma maneira crítica e humorística. No entanto, o tribunal decidiu que as esculturas de **Koons** violavam os direitos autorais de **Rogers,** já que não alteravam de forma significativa a essência da fotografia original. O caso destacou a questão de até que ponto o conceito de paródia pode ser usado para justificar a apropriação de imagens, gerando debates intensos no mundo da arte contemporânea.

A esquerda foto de Lynn Goldsmith. A direita obra de Andy Warhol

· Andy Warhol e a série Prince (2022)

O caso envolvendo o icônico artista **Andy Warhol** e a fotógrafa **Lynn Goldsmith** surgiu muitos anos após a morte de Warhol, mas foi motivado por uma série de colagens e serigrafias de **Warhol** baseadas em uma fotografia de **Prince,** tirada por **Goldsmith** em 1981. A **Fundação Andy Warhol** foi processada em 2017 por **Goldsmith,** que argumentava que o uso de sua fotografia violava seus direitos autorais. Embora o trabalho de **Warhol** tenha sido amplamente reconhecido como transformativo, o tribunal decidiu que, neste caso, as obras não modificavam suficientemente a fotografia de **Goldsmith** para serem consideradas uso justo. Esse julgamento trouxe à tona questões importantes sobre os limites da transformação artística e o respeito aos direitos de fotógrafos, mesmo em obras de artistas consagrados como **Warhol.**

Conheça alguns casos brasileiros

· Caso Carlos Zílio vs. Gilberto Salvador (1999)

Em 1999, o artista plástico **Carlos Zílio** entrou com uma ação judicial contra o também artista **Gilberto Salvador. Zílio** alegava que **Salvador** havia utilizado sem permissão parte de sua obra em uma colagem apresentada na **24ª Bienal de São Paulo.** A obra de Salvador incluía elementos visuais semelhantes a trabalhos de **Zílio,** como parte de um conjunto de apropriações visuais que **Salvador** realizava. **Zílio** argumentou que essa utilização configurava uma violação de seus direitos autorais, uma vez que a obra de **Salvador** não fazia uma transformação significativa que pudesse justificar a apropriação. O tribunal acabou decidindo a favor de **Zílio,** reforçando a importância do respeito aos direitos autorais mesmo dentro do contexto de práticas como a colagem.

· Caso Sebastião Salgado (Fotografia)

Embora este caso não envolva colagem, é relevante mencionar que o renomado fotógrafo **Sebastião Salgado** já foi alvo de controvérsias sobre o uso de suas imagens sem autorização em diferentes contextos artísticos. Em várias ocasiões, **Salgado** teve suas fotos utilizadas indevidamente em colagens ou montagens sem sua permissão. **Salgado,** assim como outros fotógrafos, tem sido ativo na defesa de seus direitos autorais no Brasil, lutando contra usos não autorizados de suas imagens em diferentes contextos, incluindo a arte.

Esses casos mostram que, assim como no exterior, a apropriação de imagens em obras de arte no Brasil também enfrenta questões legais, com a linha entre inspiração e violação de direitos autorais sendo bastante discutida no cenário artístico.

Bibliografia:

Richard Prince vs. Patrick Cariou - à esquerda) Fotografia original de Yes Rasta (p. 118), de Patrick Cariou, 2000, Brooklyn, NY: powerHouse Books. Direitos autorais [2000]. (à direita) Colagem intitulada Graduação. Reimpresso de Cariou v. Prince, Apêndice, 714 F.3d 694 (2d Cir. 2013). Direitos autorais [2008] de Richard Prince.

Shepard Fairey e a foto de Obama - site PetaPixel - https://petapixel.com/2012/09/06/shepard-fairey-may-serve-jail-time-for-destroying--obama-hope-photo-evidence/

Jeff Koons vs. Art Rogers - site Write Visual Culture - (imagem da esquerda) Art Rogers, “Puppies” 1985 (direita) Jeff Koons, “String of Puppies” 1988. Obtido em https://ucart100.wordpress.com/2014/03/28/left-art-rogers--puppies-1985-right-jeff-koons-string-of-puppies-1988/

Andy Warhol e a série Prince - site NPR - A portrait of Prince taken by Lynn Goldsmith (left) in 1981 and 16 silk-screened images Andy Warhol later created using the photo as a reference.Collection of the Supreme Court of the United States - https://www.npr.org/2023/05/18/1176881182/supreme-court-sides-against-andy-warhol-foundation-in-copyright-infringement-cas

Dr. Luiz Eduardo Queiroz, advogado especialista em Propriedade Intelectual da Boller & Vianna Advogados.
luiz@bollerevianna.adv.br

Fernanda Marchioro

Duas fotografias que encontraram seu caminho de volta

Colagem: Fernanda Marchioro

Sou apaixonada por fotografias. Desde que me conheço por gente imagens antigas me encantam. Muitas delas chegam até mim por meio de marketplaces, onde procuro álbuns antigos. É um hábito que carrego comigo não só por amor à memória, mas também como parte do meu trabalho de assemblage e colagem.

Em uma dessas buscas, encontrei um álbum com a capa da **Copa do Mundo de 1950** no Brasil que chamou minha atenção e me arrebatou de uma forma inesperada. O que me surpreendeu foi seu conteúdo: centenas de imagens de uma família preta do Recife. Era algo raro, um verdadeiro tesouro visual, retratando o dia a dia dessa família por um longo período de tempo. Algumas fotos, especialmente, me pareciam mais do que simples registros caseiros – havia ali o toque de um fotógrafo profissional.

Em uma das imagens, em particular, havia uma legenda que despertou minha curiosidade: **Instantâneo de rua, Rua Nova, Recife, 1944**. Esse detalhe me conduziu a uma pesquisa.

Passei a procurar por fotógrafos de Recife que faziam instantâneos de rua. Foi assim que encontrei uma matéria no site **www.cultura.pe.gov.br** sobre o fotógrafo **Wilson Carneiro da Cunha,** que documentava a vida do Recife nas décadas de 50 a 70, a partir de seu quiosque na Rua Nova. A matéria destacava o trabalho de **Bia Lima,** neta de **Wilson,** que lidera um projeto para preservar o acervo fotográfico do avô e rastrear as fotos que foram adquiridas por seus antigos clientes.

Você pode acessar a matéria **aqui.**

Entrei em contato com **Bia** e, ao compartilhar as fotos do álbum, descobrimos que duas delas eram, de fato, registros feitos pelo avô. Essas fotografias agora fazem parte do **e-book Kiosque do Wilson** criado para celebrar o legado de **Wilson** e preservar a história das pessoas que ele retratou.

Conheça mais sobre o projeto no Instagram: **@kiosquedowilson**

Fechando a série de instantâneos de rua enviados, recebemos um registro de 1944 de um homem desconhecido com fardamento militar, caminhando na Rua Nova. Embora não haja a assinatura ou a marca d'água de Wilson na imagem enviada pela pesquisadora Fernanda Machioro, tudo indica que esta seja de autoria do fotógrafo por características tais, como a anotação a punho no álbum: "instantâneo na Rua Nova Recife 1944", pela localização e estilo de captura do transeunte e pela caligrafia dos números no verso da fotografia.

Página do e-book Kiosque do Wilson

Ao ler minha história, Bia me escreveu de volta com um depoimento comovente: "O mais encantador em fazer uma pesquisa fotográfica é ir encontrando os vestígios, as pistas e as possíveis leituras das imagens. As fotografias de **Wilson** deixam muitos rastros, pois ele tinha um jeito inédito de fotografar. **Wilson** teve a sacada de criar uma marca registrada: fazer registros das pessoas na rua encarando esta como se fosse uma passarela, onde os disparos eram feitos sem pose, em flagrante, igual a um paparazzi. A partir dessa marca única e inovadora conseguimos identificar nas fotos achadas por **Fernanda** a essência de **Wilson,** que naquela época (década de 40) era o único a fazer esses registros. Um encontro entre pesquisadoras, que por coincidência estavam procurando por pistas na mesma época (década de 2020). Uma surpresa inesperada que veio de um outro estado, como estou feliz com esse encontro!"

Essa história reforçou em mim o poder das imagens em criar conexões e reencontros, revelando que, muitas vezes, uma fotografia não é só um registro, mas uma ponte entre o passado e o presente, entre histórias que esperavam ser recontadas.

Capa do e-book

Kiosque do Wilson (e-book)

Coletivamente

Como já dissemos em nosso manifesto: **o futuro é coletivo.** Esta seção é para não esquecer que j**untos somos mais fortes** e que ter companhia no caminho é muito melhor. Espaço reservado para conhecer coletivos de colagem que fazem a diferença em suas cidades ou regiões. Se você participa ou conhece algum coletivo, manda pra gente por aqui.

Art.Collective Collage nasceu em 2023 como uma ramificação da Rede Collage Brasil. Formado por um grupo de artistas coordenado por Tatiana Bianchini, promove desafios quinzenais com temas como abstração, vida selvagem e consumismo. Com participantes de todos os níveis, o coletivo incentiva a troca e a experimentação criativa.

@art.collectivecollage

A **Basuras Coletiva** nasceu em 2018 com uma campanha contra a desinformação nas eleições presidenciais. Atua em todo o Brasil com uma rede artivista de comunicação popular através do lambe-lambe. Realiza oficinas e encontros colaborativos, ocupando as ruas com narrativas sobre meio ambiente, direitos humanos, justiça reprodutiva e autonomia popular.

@basurassss

O **BXDLambe** surgiu em Nova Iguaçu, Baixada Fluminense, como o primeiro coletivo de lambe-lambe da região, fundado por Pietra Canle e Silas Sena, com mais quatro colaboradores. Usando fotos e frases, os lambes abordam as desigualdades nas periferias do Rio, tornando acessíveis questões sociais e provocando reflexões sobre a realidade local.

@bxdlambe

O **El Club de Collage**, formado por cinco pessoas em Quito, Equador, está ativo desde 2017 e busca divulgar a colagem em espaços culturais como Casa Cultural La Nube e Galeria Punto Rojo. Criando com materiais reciclados, o coletivo promove a interação comunitária, compartilhando técnicas e experiências para fomentar diálogos criativos na cidade.

@elclubdecollage

O **Clube da Colagem Bagé**, fundado pela colagista Ana Paula Caneda há três anos, é o primeiro do Rio Grande do Sul. Com o objetivo de fortalecer a colagem na fronteira, realiza oficinas e parcerias com a Rede Collage Brasil e colagistas renomados. O clube organiza a “Mesa de Colagem”, encontros semanais no Cenarte Urcamp.

@clubedacolagembage

O **Collarecife** iniciou em abril de 2024, acolhendo colagistas analógicos e digitais através de convocatórias abertas. Com seis membros oficiais, o coletivo se reúne mensalmente para trocas de ideias e produção de colagens. Artistas de Recife e região participam, criando um espaço para apaixonados pela colagem, promovendo intercâmbios criativos.

@collarecife

O coletivo **Collateria**, criado em 2022 em Maceió, promove encontros mensais para a criação de obras e discussão sobre colagem. Além disso, organiza oficinas e vivências artísticas na cidade. Com o projeto Collateria Social, realiza atividades de colagem em instituições de saúde, aproximando a arte de diferentes comunidades.

@collateria

Desarquivos foi criado por Madame Pagu, Nayara Rangel, Ulla von Czékus e Vânia Viana, explorando o universo feminino através da fotografia autoral e colagem. Utilizando arquivos pessoais, as artistas narram histórias que questionam imposições sociais sobre mulheres. Nayara, Ulla e Vânia atuam na Bahia, enquanto Madame Pagu vive na Itália.

@desarquivos.coletivo.feminino

O coletivo **Entre Aspas**, fundado em 1997 por Antônio Pinto, Chico Gomes e Gislene Andrade, promove vivências e debates sobre a arte da colagem. Com rodas de conversa, oficinas e exposições, o grupo fomenta a colagem como expressão artística, valorizando-a como uma forma de arte digna de espaços em galerias de renome.

@entreaspasartcollage

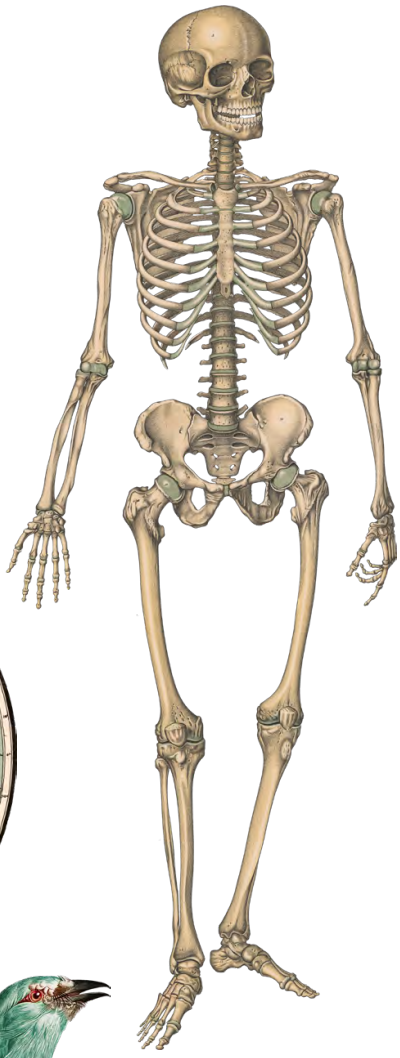
Mujeres que cortan y pegan é coletivo internacional com sede em Madri, fundado em 2017 para difundir a colagem feita por mulheres. Organizando exposições, oficinas e publicações, o foco é promover essas criadoras. Com destaque no Instagram, Natalia Romay, Marta Martínez, Ana Ortega e Annita Klimt trabalham para visibilizar artistas mulheres no mundo da colagem.

@mujeresquecortanypegan

#cortaessa

Quer imagens diferentes das suas, para agregar um novo olhar no seu trabalho? Se liga aqui na seleção do Dhyogo Oliveira - @semgeração. Todas são royalty free, use, abuse e depois posta no Instagram com a hastag #cortaessa pra gente ver!

CESKOSLOVENSKO
5
KORUN
DOPLATNÉ



INDIAN
OCEAN
AUSTRALIA

COLAGEM E CARREIRA: PESQUISA, CRIAÇÃO E MERCADO

Você, artista colagista, está pronto para levar sua carreira a novos patamares?

Sob a orientação de **Camila Alcântara** e **Guilherme Marinho**, a **Lateral Galeria** oferecerá um programa exclusivo que combina:

Encontros Quinzenais em Grupo com temas que transformam sua prática artística.

Mentoria com Galeristas: orientação especializada para impulsionar sua trajetória no mercado de arte.

Exposição na LTRL Galeria em São Paulo - SP para mostrar seu trabalho ao mundo e conectar-se com o público.

Investimento: 10x de R$300 (s/ juros)

Desconto Exclusivo: Use o cupom **#SBCMAG10** e ganhe 10% de desconto!

Não perca essa oportunidade única de crescimento e conexão no universo da arte!

Inscreva-se já!

Acesse www.lateralgaleria.com.br/programa-mentoria-lateral ou entre em contato pelo telefone (11) 95133-1193.

Residência Artística

para artistas e iniciantes

Hospedagem com Arte nos chalés do ateliê (até 4 pessoas)

Experiência em Artes Visuais - pintura, desenho, monotipias, colagem e técnica mista, tendo como suporte o papel.

Material incluso | Hospedagem com café da manhã | Transfers locais inclusos

Fim de semana (2 noites)

6a feira: check-in

sábado: experiência artística (dia) passeio cultural pelo Centro Histórico/skechtour (noite)

domingo: atividade artística ou sketchtour(manhã) e check-out

@lauromonteirofilho

ARTES VISUAIS

Lauro Monteiro

HOSPEDAGEM

PARATY - RIO DE JANEIRO

André Hellmeister

SBC Núcleo Gestor 2024